



Heloise Montini

OLÁ, SEJA BEM VINDO!

Histórias reais de mulheres únicas

**OLÁ, SEJA
BEM-VINDO!**
Histórias reais de mulheres únicas

•

Heloise Montini

•

Bauru

2016

UNESP - Universidade Estadual Paulista

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Agradecimentos	007
Sobre Começos	009

BUARETO

Maria Adelino Buareto	014
Maria Cristina Buareto Rosa	034

ZORZAN BISQUER

Sirlei Zorzan Bisquer	054
Flávia Maria Zorzan Bisquer Jorge	074

LIMA

Heloiza Helena de Lima	092
Amanda Malmoud Youseif	112

EPÍLOGO

Mulheres e mais mulheres	136
--------------------------------	-----

AGRADECIMENTOS

Quando decidi que queria ser jornalista quase matei meus pais. Já estava em uma universidade federal, cursando Agronomia. Ninguém realmente acreditou que eu tivesse coragem de abandonar algo de futuro certo para ter uma profissão que “nem mesmo precisa de diploma”.

Quatro anos depois, e aqui está o resultado de minha teimosia. O motivo de ter trocado Agronomia por Jornalismo foi o sonho que sempre tive de contar histórias de pessoas que lutam todos os dias por uma vida melhor.

No meu primeiro dia em Bauru conheci membros de uma banda da qual sempre gostei. Jamais poderei esquecer o que me disse o líder da banda – “Você não vai ser o tipo de jornalista que sempre faz perguntas bestas como ‘qual a origem do nome da banda?’”. Este foi um episódio importante e devo muito à esse cantor. É devido ao seu questionamento e à minha resposta – “não, eu vou ser o tipo de jornalista que fala de coisas importantes e de pessoas de verdade”, que esse livro hoje existe. Começo, portanto, agradecendo ao homem que nunca soube meu nome, mas que me motivou a seguir em frente com meu sonho. Muito obrigada por ter escolhido o mesmo hotel que eu, e ser tão grosseiro.

Muitos podem criticar a fé. Tive centenas de professores e conhecidos que me julgaram por crêr em Deus. Mas é a Ele que agradeço. Sei que Dele veio a força para conseguir transformar o sonho em realidade.

Aos meus pais, Vera e Dante, que mesmo não aprovando minha opção de carreira, nunca deixaram de me apoiar e incentivar. Quando eu mais precisava, eles estavam presentes me confortando e ajudando. A eles não apenas agradeço, como também dedico este projeto. Ao meu irmão, Giovanni, que é uma das minhas inspirações, e às minhas tias, Ni e Helen, que são a razão pela minha paixão por escrever e ler.

Meus amigos, Gabi, Juh, Bia, Mateus, Caah, Fla, Craig, Laura e Nish. Pessoas que me apoiam, aturam e nunca me deixam cair em depressão ou desespero. Que nos meus momentos de ansiedade me trazem de volta ao mundo e mostram que a vida é mais simples do que parece. Amigos tão queridos e próximos que dispensa qualquer tipo de formalismo ao escrever seus nomes aqui. Agradeço por cada segundo de amizade e momentos que compartilhamos nos últimos anos. Nada disso seria possível sem essas pessoas ao meu lado. Ao Mateus, um obrigado especial, pois, sem ele, este livro seria totalmente liso e sem nenhum motivo de orgulho para os designers de minha vida.

Esse livro não existiria se não fossem pelas mulheres que tão prontamente aceitaram falar comigo e abriram as portas de suas casas. Sirlei, Mara, Flávia, Maria Cristina, Amanda e Heloiza, muito obrigada por apoiarem este projeto e compartilharem suas histórias, emoções e experiências.

Agradeço aos meus professores, principalmente ao Max Vicente, por me ensinarem o que é ser jornalista e o quanto se conquista quando se ama o que faz.

Quero terminar agradecendo aos meus avós, João e Terezinha. Seu João que sempre fala com orgulho a qualquer um que passe na rua “essa é minha neta jornalista”, desde o meu primeiro dia de aula. Dona Terezinha, a senhora em quem eu pensei na hora de escolher o tema desse trabalho.

SOBRE COMEÇOS

Sempre tive dificuldade com começos. Primeiro dia de aula, primeiro dia em uma cidade nova, primeira conversa com alguém, ou a primeira linha de um texto. Nunca é fácil iniciar algo novo. Creio que seja o medo que nos motiva a ficar estáticos, deixar que alguém comece por nós. Mas a primeira linha, ou parágrafo, é o mais importante: é o começo que guia o final.

Penso em onde quero chegar para então decidir qual o melhor ponto de partida. Resolvi que quero revelar minhas motivações para escrever sobre mulheres, logo, acredito que não há começo melhor do que falar sobre eu ser mulher.

Na faculdade de jornalismo somos ensinados a priorizar a objetividade. Mas, já na escolha de um tema, fazemos uso da subjetividade. Queria falar sobre pessoas comuns, que lutam todos os dias para manterem seus trabalhos e pagarem suas contas, fazendo pés-de-meia, pois nunca se sabe o dia de amanhã. O recorte foi mulheres. Sou mulher, sei o que enfrentamos todos os dias. Sei o que a vida exige de nós.

Mas precisava ajustar ainda mais. Metade da população brasileira é de mulheres. Lembrei então de minha avó. Ela é alguém simples, de pouco estudo, que criou quatro filhos, três deles são mulheres, professoras. Minha mãe é uma delas. Vejo o quanto há de minha avó em minha mãe. E também o quanto existe em mim dessas duas mulheres.

Aí estava o que precisava – vou falar sobre gerações de mulheres da mesma família, contando suas histórias, alegrias e tristezas e o quanto cada uma influenciava a outra.

Três famílias quiseram participar do projeto e partilhar seus momentos e experiências. Há aqui seis mulheres que trabalham, amam, choram e riem como todas as outras. Ao mesmo tempo, são únicas. Cada qual encontrou sua maneira de ser e fazer a diferença no mundo.

Acredito na rede de influência que existe nessa Terra. Sei que as histórias delas tem traços que se repetem. A todas, e todos, que lerem esse livro, desejo que façam de suas próprias vidas algo que possa impactar positivamente a vida de outro. Que o ciclo não se quebre.

Esse é o meu começo.

Muito obrigada e boa leitura.

Heloise Montini



BUARETO



*MARIA
ADELINO
BUARETO*

MARIA, MAS PODE ME CHAMAR DE MARA

Toco a campainha. Ouço latidos, passos, sons de chave girando no portão. Uma senhora simpática e de bem com a vida me recebe e me convida para entrar. Os cachorros são pequenos, mas parecem não gostar de receber visitas. Ela os espanta, os manda ficarem quietos.

Entro na casa. Uma garagem coberta, grande, seguida de um pátio com um pequeno pedaço de grama onde há uma árvore. A casa mesmo está ao fundo. Do lado direito da garagem foi construído um espaço de cozinha, com churrasqueira. Panelas estão sobre o fogão. Em um canto vejo um ferro de passar roupas antigo, plantas. Sobre a mesa, diversos papeis.

Nos sentamos, coloco o gravador sobre a mesa. Ela está alegre. Falamos sobre o tempo, estava quente e agora, como que do nada, chove.

Primeira pergunta: nome completo e idade. Maria Adelino Bureto, mas todos a conhecem por Mara. 68 anos. Me espanto. 68? Como ela parece mais jovem que isso!

Ao som da chuva começamos a conversar, ao final de quase duas horas de entrevista já tenho a certeza de que essa mulher é uma guerreira.

Maria nesse mundo é muito mais que a senhora que caminha para a igreja, que faz bolinho de chuva para os netos e que paga com o talão de cheque no supermercado.

Mara é mãe, é avó, é trabalhadora, é uma pessoa divertida. É alguém com uma história de vida com tristezas, frustrações, mas também repleta de alegria e companheirismo.

Ela conta como aprendeu com o passado, como nada na vida dela jamais a abateu. Seu casamento não deu certo, perdeu a mãe ainda criança, não conseguiu terminar seus estudos e sua infância não foi cheia de risos e brincadeiras.

Mas nada do que lhe aconteceu em seus 68 anos de trajetória a fez guardar mágoas. Pensa ser uma pessoa harmoniosa, capaz de balancear tudo em sua vida. Dar mais valor, colocar mais peso na balança para as coisas boas e, assim, ofuscar as coisas ruins que acontecem. Mas, sem esquecê-las. É preciso os maus momentos para se apreciar melhor os bons. É preciso os maus momentos para se aprender a viver.

Quando lhe pergunto quem é Mara, ela automaticamente diz: “abençoada”. Tem plena convicção de que esse mundo sem Mara não seria mais o mesmo – algo faltaria.

Se emociona ao contar como seu filho a considera sua inspiração. A melhor mãe. Chora ao falar como sua neta lhe disse para não ir embora, para “não ir embora como aqueles que estão no caixão”.

Diz ser abençoada pela família que tem, pelas coisas que conquistou.

SOBRE BONECAS DE PAÑO E MILHO

“Eu não tive infância”.

Maria pronuncia essa frase no mesmo tom de quem diz “o café acabou”. A frase, na sua boca, soa como algo natural, totalmente normal. É como se a infância fosse algo inventado hoje, como se em sua cabeça de criança a sua situação era completamente igual a de tantas outras garotas de sua idade.

Era a regra, não a exceção.

Aos 5 anos Mara perdeu a mãe. O pai ficou sozinho com Mara e sua irmã recém-nascida.

Não havia muito o que ser feito. Enquanto ela conta sua história, imagino aquela senhora 63 anos atrás, uma menina cuidando de sua irmãzinha enquanto o pai saía para trabalhar. Imagino aquela menina dando a mamadeira que o pai preparara, comendo o pão e a laranja já cortados. Sua voz é limpa ao contar, sem emoção.

Mara foi viver com a avó e a irmã passou a ficar com uma tia durante o dia e a noite ia com o pai. Ele se casou novamente, mas Mara não voltou a morar com o pai. A necessidade exigiu que fosse trabalhar ainda muito nova. Até os 12 anos morou com os avós maternos, então se mudou de cidade para ser babá, ficando distante mais de 300 quilômetros de sua família.

Nesse primeiro trabalho aprendeu muito sobre como cuidar de uma casa e de uma criança. Mara ficava encantada com os brinquedos e roupas do bebê que cuidava. Sua irmã não tinha nada daquilo

e não era nada fácil entreter um bebê choroso com paredes vazias e nenhum brinquedo. Mas com aquela nova criança era diferente. Ele tinha muitas coisas e roupas bonitas. Ela se sentia orgulhosa de mantê-lo sempre limpo e bonito, bem vestido.

Ali passou a ser uma moça.

Maria não gostava muito de estudar. Descobriu maneiras de subir em árvores e ficava no alto quando o pai chegava e a avó lhe contava que Mara não havia feito a lição. Algumas vezes conseguia escapar da vigilância da avó para ver os meninos jogarem bola no campo. Nunca jogou, como ela me conta, o machismo é coisa antiga.

Gostava de ficar nos bancos torcendo para que gols fossem feitos, não importava de qual lado saísse, o importante era a bola entrar na rede.

Seus avós paternos morreram jovens. Assim, Mara ficava apenas com a família da mãe. A avó lhe fazia bonecas de pano e de milho. Eram seus únicos brinquedos.

Para ela, sua avó e seu avô maternos foram como seus pais. Eles a criaram, a ensinaram o certo e o errado.

A avó, uma italiana rígida, controlava tudo na casa. Não permitia desordem. Maria nunca apanhou, mas ficou de castigo diversas vezes.

Sentada na mesa, com o olhar distante e rindo conta como gostava de suas escapadas da avó, e como isso lhe rendia os castigos. Usar aquele tempo para refletir o que havia feito de errado a fez se tornar uma mulher de olhar firme e mãos carinhosas.

Hoje, quando pensa em seus anos de criança, ela vê a mulher que se tornou graças ao cuidado de sua vovó. Para Maria, aquela senhora que lhe fazia as bonecas, lhe ensinava, preparava sua comida e lhe punha de castigo será, até o fim, o seu favo de mel.

UM AMOR À PRIMEIRA VISTA

Recentemente conversei com uma senhora sobre o futuro. Falei a ela que morar com os pais era coisa temporária. Ela me disse que devia então procurar um namorado e me casar. Lendo o que Simone de Beauvoir escreveu sobre a criação feminina consegui compreender melhor essa realidade. Somos criadas para o casamento que nos subordina ao homem, mesmo que não seja por completo isso.

Sempre ouvimos que é o sonho de toda mulher se casar. Mas, e se o casamento não funciona?

Enquanto conversava com Mara, diversos pensamentos voltados ao casamento me envolviam. Depois de uma hora de conversa já sabia que ela se casara cedo, que tivera apenas o marido como namorado. Sabia também que ele não estava ali.

Mara me contou que o conheceu ao acaso. Tinha 13 anos e trabalhava como babá para uma família. Em uma noite de folga foi à praça da cidade onde estava sendo exibido um filme em uma tela grande no centro.

Era a diversão dos jovens de Bauru em 1960. Uma praça cheia de pessoas. As moças com vestidos coloridos e laços na cabeça, os rapazes com seus chapéus. Se sentavam, conversavam entre amigos e paqueravam de longe. O filme na tela no meio da praça. Certamente havia música em um lugar próximo. Risadas, conversas, flertes. A juventude dos anos 60.

Mara saiu para acompanhar sua amiga que ia se encontrar com seu namorado, nada oficial ainda. As duas param em um canto. Maria logo vê um belo rapaz que a olha. Ele se aproxima e começam a conversar. Três anos se passam dessa noite de cinema ao ar livre e eles se casam.

Mais tarde naquela noite ela descobre que aquele rapaz era o que sua amiga deseja ver e namorar. “Perdi a amiga mas ganhei o marido” ela dirá 55 anos depois.

Aos 16 anos Mara celebrou seu casamento. Não diz se houve uma festa grande, se sua família se reuniu ou se viajou para a lua-de-mel. Isso parece irrelevante diante do “depois do casamento”.

Deixou seu trabalho como babá e passou a ajudar o marido na oficina que ele tinha. Por 17 anos trabalhou sem qualquer registro ou salário.

Durante 21 anos foram casados e viveram juntos. Até que um dia a situação ficou insustentável e Maria viu seu caminho para fora daquela união.

É um assunto delicado, mas fala sobre isso tranquilamente. Sua expressão permanece suave, sua postura não se altera. Não há dúvida de que ela seja uma mulher resolvida consigo mesma. Uma pessoa que alcançou a harmonia em seu espírito e que não guarda ressentimentos ou amargura de seu ex-marido.

Conta como seu marido não tinha vergonha de admitir que saia com outras mulheres. Muitas mulheres. Seu cafajestismo chegava ao nível de suas amantes irem buscá-lo em sua casa. Mara abria o portão e lá estava uma mulher que o esperava.

Como se sua traição não bastasse, não permitia que Mara saísse de casa sem sua companhia. E, na maior parte do tempo, nem mesmo em sua companhia. Ele ia ao cinema, festas, bares Mas Maria tinha que ficar em casa.

No trabalho a destratava. Um funcionário não receberia as mesmas palavras ofensivas que Mara recebia.

Mas Maria não se permitia deixá-lo. Para ela não há nada mais importante do que a família. Aos 22 anos já tinha seus três filhos. Não importava o que acontecesse ou o quanto fosse humilhada. Fez o possível para manter a unidade familiar e criar os filhos em um lar que contasse com presença da mãe do pai.

Além disso, nessa época a mulher ainda dependia muito do marido, financeiramente. Ele podia não ser o melhor dos maridos, mas a seus filhos nunca faltou nada, e todos estudaram até concluírem a faculdade.

Assim, Maria permaneceu em seu casamento por longos 21 anos.

O “basta” enfim chegou.

Um dia ele lhe disse que queria se mudar para o Mato Grosso do Sul, levar a oficina para lá. Mara olhou para sua vida, viu seus filhos já grandes – a mais nova estava então com 16 anos – e disse: “eu não vou”.

Ela me conta, agora com certa aflição em seus olhos, se ele não tivesse se mudado ela provavelmente ainda estaria casada.

Ninguém pode saber o que se passa na mente de outra pessoa. O que conduz cada um a tomar decisões que não leva à felicidade? Ninguém pode sugerir ao próximo o momento do “basta”. Mara conseguiu sua oportunidade. Sua libertação. Que o mesmo possa acontecer com todas as mães que se sacrificam por seus filhos.

QUEM CEDO MADRUGA...

Aos 12 anos já sabia trabalhar!

Fico pensando nessa informação. Doze anos. Uma criança ainda.

Maria saiu de sua cidade, Andradina, e se mudou para Bauru, ficando a trezentos quilômetros de sua família. Isso aos 12 anos, em uma época em que os meios de transporte eram ainda mais escassos que hoje. Estamos falando da década de 1960 e de uma criança saindo do sítio onde passou a infância para viver na cidade e trabalhar para uma família como babá de um bebê.

Esse foi seu primeiro emprego.

Trabalhou como babá até os 16 anos, quando se casou. Ela precisava desse emprego e, naquela época, a idade não importava, todos tinham a mesma responsabilidade de ajudar no sustento da família.

Nesse emprego Mara aprendeu a ser dona de casa. Ela diz que deve muito à sua primeira patroa que a ensinou a limpar, lavar e passar roupas, cozinhar, cuidar da casa e de crianças. Para ela, essa foi uma boa experiência.

Quando se casou, aos 16 anos, Maria ajudava seu marido na oficina ele que tinha. Durante 17 anos trabalhou ao lado dele, sem salário ou carteira assinada. Juntos conseguiram administrar a oficina e proporcionar uma vida mais confortável aos seus filhos.

Apenas aos 31 anos obteve seu primeiro contrato com carteira assinada. Foi convidada para trabalhar na Plajax, empresa de com-

ponentes plásticos que fica em Bauru. Começou servindo café e saiu como supervisora.

Imagine uma mulher que passou a vida toda com suas horas sendo preenchidas com deveres. Uma mulher que precisa ocupar seu tempo e se sentir útil. Essa mulher é Maria Adelino Buareto.

Ela foi convidada para trabalhar. Mas seu serviço era muito pouco para a agilidade dela. Acabava de realizar suas atividades rápido demais. Para ocupar suas horas ia para a produção, onde rapidamente aprendeu a mexer nas máquinas injetoras.

A cada dia que passava aprendia mais e mais, e fazia seu trabalho ainda melhor. Os anos passaram, evoluiu nos cargos, cresceu dentro da empresa, até chegar a ser nomeada supervisora.

Durante oito anos trabalhou na Plajax. Nessa empresa se descobriu profissionalmente. “Graças a Deus”, diz Mara, “que eu tinha a responsabilidade”. Quando chegou, a empresa tinha quatro máquinas. Quando saiu, já eram dezoito máquinas.

Ela saiu não porque quis nem por algum problema. A empresa foi vendida para um grupo de fora. Os novos donos queriam pessoas de sua confiança nos cargos de supervisão. Ainda permaneceu um ano ensinando à todos os novos o modo de trabalho antes de ir embora.

Conta, rindo, de maneira despreocupada, que certamente ensinou tudo certinho, pois quando aprenderam já não mais precisavam dela.

Da Plajax, foi para a Plasútil. Depois trabalhou na Starplus, editando fotos de maneira manual, mexendo com máquinas e moldes para colocar cada cor no lugar certo. Velhos tempos. Por fim, foi para uma lavanderia industrial, onde fez diversos cursos para utilizar máquinas grandes e aprender a lavar roupas hospitalares.

Esse último emprego foi com seu irmão, em São Bernardo. Viu seus sobrinhos crescerem. Ficou 15 anos em São Bernardo. Voltou, pois, um novo emprego a aguardava em Bauru: ser vovó. Sem dúvida, o melhor de todos os seus trabalhos.

PAZ E BEM

Maria não teve boa infância. Perdeu a mãe muito nova, teve que sair de casa cedo para trabalhar. Casou aos 16, foi mãe aos 18. Trabalhou a vida inteira. Sempre viveu para ajudar os outros, nunca para si mesma.

Agora está chegando aos 70 anos. Tem saúde física e mental perfeitas. Caminha para todo lado e simplesmente não consegue ficar parada. Sempre tem que estar fazendo algo, seja em sua casa, seja para alguém de sua família.

Ao olhar para Mara não consegui acreditar em sua idade. Eu a conheci em um projeto que existe próximo à minha casa. Nesse projeto vão crianças, jovens, idosos. Pessoas ricas e pobres. É um projeto dedicado à comunicação entre as diversas idades. Lá todos têm a oportunidade de aprender a bordar, cantar, tocar um novo instrumento e, mesmo, aprender inglês.

Mara me conta que voltou para Bauru, depois de ter trabalhado 15 anos na lavanderia em São Bernardo com seu irmão. Mesmo após uma vida de trabalho não planejava parar. Retornou porque a neta havia acabado de nascer e desejava poder ser uma avó que mimar e está sempre presente.

Ela é uma senhora muito simpática, alegre. Tem aquele semblante que todas as avós costumam ter. Seu rosto é de alguém de quem as pessoas costumam se aproximar naturalmente. Gosta de ouvir. Imagino Mara nos ônibus pela cidade. Penso que seja aquela pessoa que quem senta ao lado logo faz amizade.

Mara transmite confiança e paz.

Agora imagino essa mesma senhora falando aos filhos que quer continuar trabalhando. Claro que eles foram contra essa ideia!

“Mãe”, dizem os dois meninos e a menina, “a senhora trabalhou a vida inteira! Agora é hora de descansar e fazer algo pela senhora”.

Mas o que poderia ser isso?

Foi em suas andanças pelo bairro que conheceu o projeto Paz e Bem. Já faz três anos que participa de todos os eventos, das viagens e conhece as pessoas que vem e vão.

Se encontrou dentro do Paz e Bem. Procurava um lugar onde poderia ser útil, e lá o conseguiu. Mara sempre diz à quem encontra que devem procurar um grupo, algo que ocupe o tempo e encontre novas pessoas sempre.

Quando está no projeto, conta Mara, aprende as novas tecnologias, porque é preciso se adaptar. E também passa um pouco das suas experiências e conhecimento dos anos vividos. Além disso, recebe e dá conforto junto às outras idosas.

Mara, enquanto fala, não se coloca como alguém de 68 anos. Fala como alguém com sabedoria, mas sem o peso da idade. Sinto que o tempo é constante para ela.

Mara não parou sua vida. A prova de que não existe idade para buscar novos interesses, aprender coisas variadas, viajar, brincar... Viver!

Desde que passou a frequentar o Paz e Bem viaja e conhece novos lugares dentro do Brasil. Lá descobriu como usar celulares, internet, e está sempre no Facebook e Whatsapp. Seus dias não são parados e está sempre construindo novas memórias com todas as aventuras e histórias que acontecem em seu dia-a-dia.

Fica empolgada quando conta de uma ação voluntária da qual participou. Me conta uma das histórias que mais lhe emocionou e também mais gostou de ter feito parte.

Estavam arrecadando alimentos para doar aos lares acolhedores da cidade. Bauru não é uma cidade grande, mas possui muitos problemas sociais e diversos projetos de auxílio, creches e casa de idosos. Lugares que nem sempre conseguem o necessário para alimentar a todos que lá vivem ou frequentam.

As senhoras do Paz e Bem passaram o dia nas portas de um dos supermercados atacadistas da cidade, falando com os clientes sobre o que estavam fazendo e para quem iriam aqueles alimentos. O estabelecimento chegou a colocar alimentos na promoção, separados em uma das prateleiras, destinados para doar para aquela causa.

Sua voz falha ao narrar como uma moça, com duas crianças nos braços e outra na barriga lhe pergunta se pode doar o refrigerante que havia comprado. Mara fala que era o refrigerante mais barato que havia e que, além disso, a moça doou dois pacotes de bolacha recheada para a creche.

Sua emoção aumenta. Olha para mim, estica seus braços em minha direção e diz que aquela mulher, que certamente precisava de coisas ela própria, com sua blusa curta que puxava o tempo todo de volta ao lugar, estava ali oferecendo o melhor que podia.

Muitas pessoas doaram naquele dia. Elas ficaram na frente daquela grande porta de entrada até as cinco horas da tarde. Conseguiram arrecadar 600 quilos de alimento. E essa moça, com roupas que nem lhe serviam mais, com crianças pequenas e mais uma a caminho é a única que não consegue esquecer.

É a pessoa da qual se lembra quando lhe pedem algo. É a moça que a fez pensar em tudo aquilo que pode fazer, mas que nem sempre se esforça para fazer.

Essa mesma mulher anônima é aquela que entra em minha mente quando vejo todos que precisam, mas que fazem muito mais do que eu.

Maria não teve boa infância. Mas, sem dúvida, tem a melhor das aposentadorias, cercada se família e amigos e cheia de aventuras pela frente. Escolheu que assim seria e assim é.

A FÉ DE QUEM TEM

Sobre a mesa há diversos panfletos e livros com motivos religiosos. Os olhos se voltam para aquele tipo de atenção que se dá aos detalhes mínimos. Afinal, pessoas são feitas de detalhes. Uma planta no canto, uma foto na geladeira, panela sobre o fogão. Pequenas coisas que revelam um pedaço da personalidade.

Lembro-me que falou sobre Deus em diversos momentos. Penso que talvez seja o momento certo de perguntar sobre a religião. Dona Mara se empolga. Realmente quer falar sobre isso. Para ela religião é, antes de mais nada, “sacramento, não sacrifício”.

Conta que já é evangélica há 15 anos.

Reparo como ressalta o fato de ter sido batizada nas águas. Não diz “me batizei”. Não. Diz “sou batizada nas águas”. Pode parecer um fato aleatório, mas na verdade é um dos pequenos detalhes que demonstram o quanto o momento em que se tornou evangélica foi relevante para sua vida. Um daqueles momentos em que se dá um giro de cento e oitenta graus. Vida antes de ser evangélica e vida depois de ser batizada.

Mara criou seus três filhos dentro da Igreja Católica. Participou da comunidade da Igreja. Viu a capelinha na esquina de sua casa se transformar em um templo grande, com arquitetura moderna e belos vitrais.

Mas ela conheceu uma nova fé. Um novo estilo de louvar a Deus. Agora não tem uma igreja, tem uma religião. Vai onde sente que deve ir.

Sua fé é grande. “O milagre vem da fé”, diz Mara. Presenciou diversos milagres. Teve provas de cura. Provas do poder da oração. Provas do poder do Deus que acredita.

Se emociona ao contar as coisas que viu. Sua voz falha. Suas mãos sobre a mesa não encontram posição enquanto fala. Sua irmã estava doente, não podia se mexer. A coluna e o pescoço já não tinham mais movimento. As dores permanentes tornavam sua vida num constante sofrimento. A cirurgia estava marcada, mas os médicos diziam que poderia perder os movimentos.

Mara se preocupou muito com sua irmã. Orava constantemente. Dias antes da cirurgia passou em frente à uma igreja evangélica. Passava por aquele lugar quase que cotidianamente, mas só naquele dia reparou. No dia seguinte haveria serviço de culto naquele lugar. Mara ficou curiosa. Quis conhecer a igreja.

No dia seguinte, sua filha chega do trabalho e a convida para ir à igreja. Mara comenta sobre essa igreja que viu e lá foram elas. Ao chegar na igreja, Maria conta que ouviu uma voz lhe dizendo para não se esquecer de orar por sua irmã. “Tá bom senhor”, respondeu.

Durante o culto a pastora lá da frente diz: “há alguém aqui que busca oração por coluna”. Mara comenta que ela foi sim com esse objetivo, mas que é a irmã dela quem precisa. A pastora a convida para ir na frente onde pega o óleo para a unção e passa em suas costas e pescoço, fazendo uma oração.

Mãe e filha voltam para casa crendo que aquela oração irá ter resultado.

Como sua irmã mora longe, Maria precisaria pegar o ônibus para acompanhá-la durante a cirurgia. Nunca deixou a irmã sozinha em seus tratamentos e desta vez não seria diferente. Liga para irmã, no dia seguinte à unção, já á tardezinha, para combinarem a melhor hora de seu cunhado buscá-la na rodoviária.

Sua irmã atende o telefone. Ri. Diz que não haverá cirurgia. Conta como conseguiu se levantar, amarrar seus sapatos e arrumar o quarto antes de perceber que tinha os movimentos de volta e já nenhuma dor.

A unção feita em Mara alcançou sua irmã.

A fé não é algo para se questionar ou se duvidar. Cada um tem a sua. Dona Maria tem uma fé forte, e sem sua religião um pedaço de si falta. Sua história depende de suas orações, de seu convívio com sua fé e religião. Isso a torna mais forte.

QUEM ME ENSINOU A VIVER

Quando vi Mara pela primeira vez tive a impressão errada dela. Olhei para aquela mulher de baixa estatura e rosto simpático e construí sua história nos poucos segundos que conversamos.

Eu a imaginei como uma vovó como aquelas que lemos em livros infantis. Sempre fofa e feliz. A imaginei fazendo bolinho de chuva, contando histórias e canções de ninar.

É claro que ela faz isso tudo. Mas houve uma história antes de ser a avó. Antes de ser a mãe. Antes de ser a esposa. Todos os elementos de sua vida – as pessoas que conheceu, os lugares em que esteve e os trabalhos que teve. Cada segundo de sua vida a transformaram na Mara de hoje.

Muitas pessoas passam por nossa vida. Algumas deixam marcas mais fortes que outras. E há aquelas que estão em nossa mente sempre.

São estas pessoas que ajudam a criar quem nós somos. São nelas em quem pensamos quando vamos tomar uma decisão. São elas que buscamos agradar e deixar orgulhosos de quem nos tornamos. São essas pessoas que se juntam dentro de nosso ser e nos criam.

Dona Maria teve sua avó. Vovó Noêmia a ensinou muito. Cuidou dela. Foi sua verdadeira mãe.

“Minha avó, dona Noêmia, que foi duas vezes mãe”. Não houve ninguém tão essencial na vida de Mara quanto sua avó.

Sua voz abaixa um tom enquanto fala de dona Noêmia. O olhar volta a ser distante. Está sentada de lado na cadeira, o braço direito sobre a mesa. A mão esquerda pousa no encosto da cadeira em que se senta.

Seus olhos se movem como se já não vissem mais o que está à sua frente. Agora vê a avó que a criou. Se lembra dos castigos, das lições e das conversas, da comida, da casa e dos cheiros de sua infância.

Dona Noêmia era rigorosa. Uma italiana de sangue quente, como dizem. “Mas era justa, severa e muito carinhosa”, descreve Mara. Todas as vezes que ia parar de castigo, Mara tinha a explicação do porque estava perdendo sua liberdade. A raiva vinha, mas passava. Então Mara criança via que a avó estava certa.

Graças à avó Mara nunca teve preguiça de fazer nada. Noêmia costumava contar a história de uma senhora que vivia em um sítio próximo. Essa senhora era cadeirante. Sua casa era impecável e suas panelas brilhavam. Noêmia lhe contou que essa senhora costumava se deitar no chão para limpar sob as camas. Ela dizia que uma sujeira no chão significa que a casa se sujou naquele dia, mas se há poeira sob a cama, significa que a casa não é constantemente limpa.

Graças a essa história, dona Maria, 60 anos depois, ainda não deixa nem mesmo um copo sujo na pia. Quando a preguiça vem, logo se lembra dessa senhora e arregança as mangas.

Por isso para ela é tão difícil ficar em casa e descansar apenas.

Sua índole veio da avó. Sempre pensa no que ia fazer segundo aquilo que dona Noêmia aprovaria.

Dona Noêmia. Duas vezes mãe. Um favo de mel. Uma mulher justa. A mulher da vida de dona Maria.



*MARIA
CRISTINA
BUARETO
ROSA*

SOBRE UM CÍRCULO

A mãe de Cristina está com visitas. Conversam alto e riem. Cristina então sugere que conversemos em seu quarto. Ao entrar no quarto deparo com elementos que dão indícios de como é aquela mulher – sua personalidade, seus gostos, seu cotidiano.

A cama está arrumada, não há sapatos nem roupas a vista. Parece ser uma pessoa organizada. Na cama há almofadas. As paredes são lisas e a iluminação é natural.

Nos sentamos. Seus cachorros logo se acomodam entre as almofadas, ao alcance das mãos de sua dona que eventualmente lhes faz um carinho atrás da orelha.

Maria Cristina Buareto Rosa, 46 anos. Assim como a mãe, tem o Maria no nome, mas podemos chamá-la apenas de Cristina.

Ela é uma mulher reservada. Confirma isso com suas palavras e com seu ambiente. No quarto, não há fotos nas paredes. As cores são sóbrias. Tudo nela é discreto – desde suas escolhas de palavras até suas vestes.

Cristina é o tipo de pessoa que passa despercebida pelos lugares. Facilmente se mescla ao ambiente que está, como um camaleão. Tudo nela evidencia que sabe se adaptar.

É admirada por sua capacidade de tomar decisões rápidas. Não tem dúvida na hora de fazer uma escolha. Sempre tem a solução para qualquer problema.

Cristina diz que sua mãe foi rígida. Não reclama. Na verdade, diz, é graças à mãe que é quem é hoje. Uma mulher elétrica em seu trabalho, sempre pronta para arregaçar as mangas e fazer seu melhor. Uma pessoa acolhedora, que gosta de ajudar.

Acredita que o mundo é melhor com sua presença. Quando sua hora chegar, sem dúvida fará falta. Ela tem uma marca no mundo por ser companheira, amiga, colega e professora.

Cristina fala sobre um círculo do qual todos fazemos parte. Suas palavras me levam para uma nova reflexão. Ela diz que “se está no mundo é porque tem um objetivo”. Todos nós nascemos para fazer algo aqui. Para ela, todos são importantes porque têm um papel a desempenhar.

Seu papel é o de ser educadora. Uma tarefa difícil, mas se esforça para que cada dia seja melhor.

“Deus dá o recomeço todos os dias”, me diz. Isso significa que o dia de hoje será melhor que o de ontem. E que amanhã faremos mais do que fizemos hoje. Cada dia é uma nova oportunidade para fazer o seu melhor, para aprender algo novo, para fazer o seu trabalho melhor. Para realizar um novo sonho.

MENINOS E MENINAS

“Foi a melhor época de minha vida!” começa Cristina. Sua infância deve ter sido maravilhosa mesmo. Através de seu olhar sou transportada para quase quarenta anos atrás. Consigo ver três crianças - Cristina e seus irmãos mais velhos, correndo e brincando juntos.

Sempre brincou de bola na rua, seus irmãos não a deixavam de lado em nenhuma brincadeira. Eles foram ensinados que não havia diferença entre eles e o que um podia fazer, o outro certamente também poderia.

Sua brincadeira favorita era o beto. Cristina conta que levou seus alunos para brincar na rua e lhes ensinou o beto. Ficou impressionada pois nenhum deles conhecia a brincadeira. Meu olhar de intrigada me entrega. Sou também de uma geração que brincar na rua é algo perigoso. Videogames e computadores eram o que tínhamos e a bicicleta só saía da garagem aos finais de semana em um parque com a supervisão dos pais.

Seus olhos brilham ainda mais quando explica o que é o beto – o que me deixou ainda mais confusa. Reconheci o jogo como sendo o mesmo que eu chamava de Taco. Uma brincadeira que se corre muito, mas que também ensina o trabalho em equipe.

Com seus irmãos Cristina brincava, aprontava e levava broncas. Se um apanhava, os três apanhavam.

Se divertiam muito, mas também brigavam muito. Bastava um olhar torto para que a briga começasse. Coisas típicas de irmão. Como os pais dizem, “só muda o endereço”.

Sua família nunca teve luxo, mas Cristina nunca precisou sair de casa para trabalhar. Nem nunca passou fome.

Quando estava com doze anos, passou a cuidar da casa. Os pais e os irmãos mais velhos trabalhavam fora, assim, ficou responsável por tudo aquilo que envolvesse o serviço doméstico.

Toda sua responsabilidade na infância e o poder escolher com o que brincar – bola ou boneca – fizeram de Cristina uma mulher independente. Ela é hoje alguém que não reluta em tomar decisões. Alguém que tem certeza do que quer.

Crescer com dois irmãos mais velhos ajudou Cristina nas decisões que tem que tomar hoje em dia. Em sua criação não houve distinção do que era “coisas de menino e coisas de menina”. Ela teve a liberdade de escolha. Assim como seus irmãos.

O machismo não foi grande em sua vida. Ela sabia que existia. Inclusive em sua casa. Mas não a afetava diretamente.

Uma criança livre se torna um adulto responsável.

Sua infância é a época da qual mais sente saudade. Se pudesse voltar no tempo, Cristina voltaria a ser criança.

AMIGOS, ESCOLA E VIAGENS

Adolescentes. Quem não se lembra de como é ser um? É aquele momento da vida que todos se julgam imortais, sábios e melhores em tudo. O momento da vida em que ouvir um conselho é se chamar de estúpido. Andar com os pais? Jamais. Sou melhor com meus amigos.

Quem já foi adolescente sabe o que estou dizendo.

Maria Cristina pode ser uma mulher centrada hoje. Mas, aos 16 anos era como qualquer outro adolescente – irresponsável e teimosa.

O maior medo que qualquer pai tem quando o filho entra nessa fase são as drogas. Está ali, tão fácil o acesso. Basta um mínimo sinal de que está curioso e pronto, o vício entra. Mas Cristina, apesar de jovem, tinha consciência do que era bom para sua vida.

Naquele momento passou a ser a diferente. Os amigos usavam drogas e lhe ofereceram. Tomou a coragem a disse não, mesmo sabendo que poderia perder todos os amigos, que poderia não pertencer mais a um grupo.

Seus amigos não a ignoraram. Sempre que queriam usar algo, iam para um canto, longe de Cristina. Nunca mais lhe ofereceram nada. Eles fizeram sua escolha e ela fez a dela. O respeito foi mútuo e a amizade permaneceu.

Cristina sempre foi a boa aluna. Suas notas eram altas e amava estudar. Quando terminou o ensino fundamental, o CEFAM -

Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério, começou a funcionar em Bauru, no oeste paulista.

Se interessou, se inscreveu e foi aceita. Após o magistério fez ainda diversos cursos e tem mais uma formação superior – também é pedagoga.

Nunca deixou de estudar. Nunca usou drogas. Sempre se divertiu.

Nos finais de semana costumava viajar e acampar com amigos. Iam para as cachoeiras que há na região de Bauru. Seus amigos eram de longa data. Quando crianças já brincavam juntos na rua.

Dessa época Cristina traz apenas um arrependimento: nunca ter dado ouvido aos conselhos de sua mãe. Sempre foi obediente, não era uma adolescente que fazia os pais tirarem o cabelo de suas próprias cabeças. Mas acredita que se tivesse ouvido o que a sabedoria de vida de sua mãe tinha a dizer, podia ter evitado certas mágoas e tristezas da juventude.

Mas afinal, quem realmente deu ouvido aos pais? E quantos não se arrependem dessa atitude?

Nenhum mal vem sem o bem o seguir. Se houve a mágoa, agora há o conhecimento. Os erros não se repetem. É preciso cair algumas vezes até que se aprenda a andar.

O RENOVAR DE CADA DIA

Ela é uma mulher tímida, no entanto, sua timidez desaparece, quase como se não existisse, quando fala de sua profissão. Cristina se empolga. É como se ela se transformasse em alguém completamente diferente. Nessa transformação fica evidente sua paixão por seu trabalho.

Cristina é professora do Ensino Fundamental. Dá aulas em uma escola estadual e em uma particular. A profissão é extremamente desvalorizada. Precisa trabalhar em duas escolas para ganhar o suficiente. Como professora, vivencia as mais terríveis situações. Ainda assim, Cristina tem uma motivação rara e ama seu trabalho.

Fala sobre o “renovar de cada dia na sala de aula”. Todos os dias algo novo acontece. Se tem a oportunidade de alcançar os alunos, fazê-los se interessarem por estudar, por aprender. São as crianças que lhe motivam a acordar cedo e ir para a sala de aula.

A cada ano ela se depara com 80 crianças desconhecidas. No primeiro dia letivo, metas são estabelecidas. Com o passar do ano, essas crianças já não são mais estranhas, são como seus filhos. Os objetivos foram alcançados. Então Cristina vê que tudo aquilo pelo que passou durante o ano foi gratificante. Encerra cada etapa reconhecendo sua própria capacidade de ensinar.

São 80 crianças entre 6 e 10 anos. Há 40 em cada escola – a estadual, que muda conforme a escolha dos professores a cada ano, e o SESI.

O SESI não é como a maioria das escolas particulares. A mensalidade que se paga é mínima, e somente filhos de funcionários da indústria estudam lá, com raras exceções. Por ser mantido, majoritariamente, pelas indústrias, tem mais recursos que uma escola pública. Lá cada aluno tem um computador individual para realizar as atividades. Há laboratórios e espaços para atividades diferenciadas.

Mas a diferença na estrutura física das escolas não impede que Cristina desenvolva a mesma atividade com suas turmas. O que os alunos do SESI têm na sala de aula, na escola pública também acontece.

Cristina é professora há 23 anos, mas parece que acabou de sair da faculdade. Tem vigor, paixão e uma força de vontade que o sistema não conseguiu tirar.

Sempre prepara três tipos de atividade, de níveis de dificuldade diferentes. Dessa forma, os alunos mais adiantados se motivam cada vez mais e aqueles que tem maior dificuldade, não ficam desanimados. No final, todos aprendem e avançam nos estudos.

A rotina na sala de aula também ajuda a estimular as crianças. Afinal, todas as aulas começam com uma história. A imaginação tem permissão para sair e brincar. Cristina lê e depois um dos alunos conta uma história que escolheu.

No quadro negro estão todas as atividades do dia. É incentivada a participação dos alunos na decisão do que será estudado no dia, como uma verdadeira democracia. Há também uma caixinha de curiosidades, para que as crianças possam fazer perguntas e contar coisas que não querem compartilhar com mais ninguém.

Essa caixinha ajuda na escolha da história do dia. É através de

uma fábula ou conto que eles vão falar de seus problemas. Se identificando com a história dos personagens eles vão criar coragem para contar o que está acontecendo em suas vidas.

Cristina vê a influência de sua mãe no trabalho que realiza como professora. Sua dedicação e vontade de ajudar aos outros se deve ao fato de sempre ver a mãe fazendo o mesmo pela família, amigos e estranhos.

Não há salário baixo nem desvalorização capaz de apagar o incentivo de uma mãe.

DUZENTOS DIAS

Cristina passa 200 dias na vida de seus alunos. Convive com as alegrias, problemas e tristezas de cada uma dessas crianças. A caixinha de dúvidas que deixa em sua sala de aula é responsável por trazer muito da vida dos alunos para a vida de Cristina. Nessa caixinha há questões sobre drogas e sexo. Nela há também histórias de violência e abusos.

Não há diferença social entre as famílias do SESI e da escola estadual. A diferença está no trato dos pais com os filhos. Cristina percebeu que há mais pais jovens na escola pública do que na particular. Ela observa que a maioria desses pais priorizam a si mesmos, deixando os filhos ao seu próprio destino.

Chegam na escola e dizem que já não sabem mais o que fazer com seus filhos. Mas não conseguem perceber que sua falta de interesse pela Educação é a responsável pelas atitudes negativas da criança.

Diante da indiferença de seus pais, eles buscam conforto e confiança em uma imagem adulta fora de casa. Cristina é responsável por seus alunos. Acreditam que ela pode fazer algo por eles, para os ajudar e guiar.

Cristina lida com situações tensas em seu trabalho. Diversas vezes precisou encaminhar crianças para o serviço social e, até mesmo, para a polícia.

Nenhum pai quer ouvir casos de abuso em sua casa. Eles negam e se fecham. A professora é quem precisa lidar e intervir nesses casos.

Participa da vida de seus alunos. Cristina tem marcas em sua história que se confunde com centenas de outras pessoas que foram e são seus alunos.

Os seus 23 anos de experiência a ajudam a enfrentar os dilemas e fazer o melhor para as crianças que durante 200 dias no ano serão como seus filhos.

É muito trabalho, dedicação e amor. Mas pouco prestígio e reconhecimento.

Não é fácil ser professora. Não é fácil ser Maria Cristina.

NINGUÉM ESTÁ SÓ

Sabe quando dizem que o sonho de toda mulher é se casar? Pois, este está entre os conhecimentos populares mais falsos. Nem toda mulher sonha com o casamento e a maternidade. Há muitas mulheres que desejam apenas uma carreira profissional.

Cristina está nesta lista de “solteironas”.

Optou por não se casar. Para ela nada é mais importante do que sua liberdade.

Passa o dia na escola. Há 80 crianças das quais cuida diariamente. Precisa preparar conteúdos para suas aulas, corrigir provas e trabalhos. Quando chega em casa, tudo o que mais quer é descansar, fazer seus exercícios e ioga. Ela quer sair com os amigos na sexta à noite. Ver filmes, ir ao teatro, viajar. Quer um tempo de silêncio.

Cristina não conseguiu imaginar sua vida mantendo tal liberdade se fosse casada.

“Ninguém vive sozinho”, me diz. Teve o mesmo namorado por 10 anos. Seu relacionamento mais longo. Acabou porque ele queria se casar. Está no relacionamento atual há quatro anos. Cada um em sua casa, com seus problemas. O namoro permite que a tranquilidade seja prolongada. Não há pressão por ela fazer aquilo que gosta.

“Casamento gera conflitos que o namoro jamais terá”.

Cristina compara ter marido a ter filhos - é preciso dedicar um tempo para se estar junto. Também não quis ter filhos pela falta de tempo. Não quer passar o dia com filhos de outras pessoas enquanto o seu fica em uma creche.

Mas é claro, a sociedade julga quem escolhe a vida de solteiro. Principalmente se for uma mulher.

A vida é feita de escolhas e cada um deve conviver e aceitar a escolha que fez. Não cabe aos outros dizerem o que cada um quer.

Cristina sempre ouviu as pessoas dizerem como ela era solitária. Provavelmente infeliz. Isso diminuiu com o passar dos anos e conforme as pessoas a conheciam e percebiam o quanto sua vida é completa.

Agora as amigas comentam como foi esperta ao preferir o namoro. Afinal, em sua vida ela é quem toma todas as decisões.

APRENDENDO A SER DETERMINADA

Mãe.

Para Cristina essas três letras juntas significam muito.

Quando pensa em sua infância, época favorita de sua vida, logo lembra de sua mãe. Os ensinamentos, as broncas, as brincadeiras. O dia a dia.

Em sua adolescência vem a imagem da mulher sábia, à quem não queria dar muito ouvido quando lhe dizia o que poderia lhe machucar e quem eram os bons e maus amigos.

Na vida adulta, é novamente a mãe quem aparece. É quem lhe orienta, ajuda, faz um cafuné e com quem mais gosta de sair.

Maria Cristina tem a mãe como a principal pessoa de sua existência. É essa mulher quem ela segue os passos e deseja, um dia, ser igual. deseja ser um dia igual.

Aos 46 anos, ela pensa em cada ação que toma. Sempre teve medo de desapontar a mãe. Por isso busca imaginar o que dona Mara faria em seu lugar.

Será que ela tomaria mais uma dose antes de voltar para casa? Será que ela sairia tão tarde de casa? Será que ela gastaria o dinheiro que está na poupança com uma viagem? Pensamentos básicos. Mas a vida é feita das pequenas decisões.

Cristina sabe disso. Por isso se inspira na vida difícil que sua mãe teve para que hoje ela fosse alguém mais feliz.

Sua mãe sempre a apoiou em suas decisões.

Quis fazer o magistério ainda bem jovem. Lá estava dona Mara apoiando a escolha da filha. Quando escolheu não se casar, a mãe deu todo o apoio para que ela se dedicasse à sua profissão.

Cristina estima dona Mara. Deseja ter o melhor de sua mãe. Deseja ser acolhedora, amiga, honesta, correta. Rígida, mas suave e sábia nas decisões.

Cristina ama sua profissão, seus alunos, amigos e família. Mas quanto à sua mãe ela a adora. E seu principal ensinamento está em cada atitude e momento da vida de dona Mara. A filha leva sempre consigo a determinação da mãe em nunca deixar que a vida lhe abata. Quando algo está por baixo e pensa em desistir, Cristina lembra de sua mãe e se pergunta “ela desistiria?”

Em dois segundos se lembra que a mãe não se entregaria ao desespero e faz como ela – se levanta e segue em frente.

Cristina jamais desapontaria sua mãe.



ZORZAN
BISQUER



SIRLEI
ZORZANI
BISQUER

A PAZ DE QUEM TEM

Sirlei vive com a filha em um condomínio na cidade de Bauru. Os prédios são baixos, todos da mesma cor rosada. O custo de vida acessível de moradia atrai muitos estudantes universitários para a região.

O condomínio é grande, os apartamentos são simples. Pensei que seguissem o padrão da maioria dos prédios do bairro, que não possuem elevadores. Sirlei mora no penúltimo andar. Subo três lances de escadas antes de perceber meu erro - o elevador está logo ali. Quando finalmente chego à porta, tenho que esperar um pouco para tocar a campainha. Uma senhora sorridente me atende.

Entro no apartamento. É pequeno e confortável. A janela está aberta e o ventilador ligado. Por seis dias seguidos havia chovido. Mas nada parece ser capaz de espantar o calor de Bauru.

Me traz um copo de água, seguido de um suco bem gelado. Muito bem-vindo naquele momento. Nos sentamos nos sofás. O conforto traz uma conversa fácil.

Sirlei Zorzan Bisquer. O nome diferente chama a atenção, mas nem mesmo Sirlei sabe a origem de sua família. Tem 64 anos e leva uma vida tranquila de aposentada. Nasceu e cresceu em Osvaldo Cruz, mas quando a filha mais nova resolveu se mudar para Bauru há quatro anos, a acompanhou.

Sirlei tem uma filosofia de vida que procura a serenidade – antes ter paz do que razão. Para ela o melhor é viver em seu canto, cada dia de uma vez, fazer as coisas corretamente e ser honesto. A consciência tranquila é o mais importante. Discutir com alguém, jamais. Mesmo se estiver correta, prefere seguir seu caminho a gerar uma discussão.

Acredita que ninguém é insubstituível. Temos um prazo de validade, quando expira, uma nova pessoa surge para tomar nosso lugar. Para ela, sua importância se restringe à sua família. Quando partir deste mundo, acredita que fará falta apenas para suas filhas.

Pensa que sua história começa e termina em si mesma. Crê que seu nome se apagará com o tempo.

RESUMINDO A HISTÓRIA

“Não me lembro de receber abraço de minha mãe ou de meu pai”.

Sirlei não fala essas palavras com rancor. Há mágoa em sua voz. Sinto que pode chorar. Mas as lágrimas não vêm.

Sirlei julga que sua infância não foi ruim. Para a década de 1960 se pode dizer que foi uma infância privilegiada. Seu pai tinha seu próprio negócio. A família vivia em uma casa grande, conhecida na pequena cidade de Osvaldo Cruz.

Sirlei sempre foi muito tímida. Vivia com medo das broncas que o pai poderia dar, por isso, nunca fazia nada de errado. Os dois irmãos mais velhos, por outro lado, viviam aprontando. Como consequência, ficavam sempre de castigo. E apanhavam muito.

No geral, suas lembranças de infância são boas.

Se lembra de sentir vergonha de ser a única entre as amigas a usar saias sempre longas. A mãe costurava em casa, então não havia jeito de manter as saias na altura do joelho, tinham que ser mais compridas. Seu uniforme da escola era sempre o maior. Para acompanhar as colegas, Sirlei costumava dobrar a saia do uniforme para ir à escola.

Apesar de crescer na cidade, sua criação foi mais rigorosa do que a de suas amigas que viviam em sítios. Enquanto elas namoravam e iam aos bailes, Sirlei tinha que ficar em casa e se portar como “moça

decente”. Chegar em casa depois das dez da noite, era bronca na certa. “Moça de família não se porta assim”, diria seu pai.

Não que houvesse motivo para que ele falasse assim. Sirlei sempre foi muito tímida, até mesmo retraída. Recorda de como chorava quando uma paquera sua não a olhava de volta!

Sempre gostou de ler. Não lia Machado de Assis, Eça de Queiroz ou José de Alencar. Sirlei gostava de histórias em quadrinho. Melhor ainda eram as histórias de terror. Jornal era apenas para as tirinhas. Mas afinal, ela lia algo.

Nunca foi uma aluna excepcional. Suas notas eram medianas. Boas o suficiente para que passasse ao nível seguinte na escola. Conseguiu concluir o magistério com suas notas. O mediano pode ser o essencial, as vezes.

De todas as histórias que tem dos tempos de escola, Sirlei se recorda de uma com vivacidade. Ri muito ao contar como era bobi-nha quando criança e queria estar sempre no meio do grupo.

O caso foi que o professor liberou as alunas – era uma escola para garotas apenas – para irem estudar no pátio para a prova que daria naquele dia. Claro que, no lugar de estudar, as meninas resolveram brincar de roda. O professor, vendo aquela bagunça pela janela, não tolerou. Desceu com uma régua e bateu em cada uma das meninas. Pois, há 50 anos professores podiam castigar seus alunos.

Certamente essa não foi uma prova fácil de ser feita. E as meninas nunca mais brincaram na hora dos estudos.

Sirlei tinha 16 anos quando a crise financeira atingiu sua família. Mas não se revoltou. Acredita que aconteceu na época certa pois já compreendia melhor a situação e sabia que não havia o que fazer. Todos na cidade estavam perdendo tudo o que tinham.

O ano era 1967. A ditadura militar governava o país. A crise eco-

nômica estava presente, com a inflação à 30% ao ano. A população ficava cada vez mais endividada e não havia muita oferta de emprego. Sirlei e família precisaram deixar a casa grande em que viviam. Acabou todo o luxo e conforto.

Apesar de perderem quase tudo, a família nunca passou fome. O arroz e o feijão estavam sempre na mesa, nem que fosse apenas isso o que tivessem que comer.

Sirlei diz que somente as dificuldades nos fazem crescer. Os maus momentos dão novo tempero aos bons momentos.

Os anos passaram, a ditadura se foi e a crise financeira passou. Sirlei sofreu ainda muitas perdas. Mas sua filosofia de vida se fortaleceu. Aprendeu que o melhor para ela era garantir sua paz. O resto se resolve com o tempo.

UMA NUVEM NA MEMÓRIA

Brasil, 1964. A ditadura militar é instaurada no país.

Em Osvaldo Cruz, uma pequena cidade no interior do estado de São Paulo, pouca coisa mudou na vida da jovem Sirlei. Ainda usava o mesmo uniforme de saia longa, sapato e meias na altura correta. As paqueras eram as mesmas e o sorvete e cinema com as amigas continuam sendo marcados. As únicas mudanças que se notavam são aquelas pelas quais todos os jovens de 13 anos passam. Espinhas e namorados são assuntos mais importantes do que a ditadura quando se tem essa idade.

Quando pensa nessa época, Sirlei logo se lembra da campanha “Ouro para o bem do Brasil”. Lembra-se de todos na cidade caminhando para o centro de coleta entregar suas alianças e joias. Seus pais doaram também, mas foi apenas uma aliança antiga, fina. Não a grossa e bonita que já usavam nessa época.

Na escola havia um professor de sociologia que era revolucionário. Ele era clérigo. Todo mundo gostava muito dele. O que ensinava para as meninas certamente não era aquilo que a cartilha escolar do governo mandava. Sirlei não diz o que aconteceu com o padre.

Conta sobre o dia que jovens que lutavam contra a ditadura foram aos portões da escola para impedir as meninas de entrarem. “Tem que ter greve” diziam. Claro que Sirlei e as amigas se assustaram, não podiam simplesmente deixarem de ir à escola! Assim, os jovens lhes disseram para trocarem sapatos entre si, desarrumarem

suas meias, ou simplesmente as tirarem. Se houvesse um desalinho mínimo nas meninas, a diretora não as deixava entrar na escola. Sirlei conta como cada uma fez algo diferente para que não tivesse aula naquele dia.

Oswaldo Cruz era uma cidade pacata, mas a repressão da ditadura não permitiu que tranquilidade permanecesse intocada. Quando o DOPS – Departamento de Ordem e Política Social, órgão responsável por reprimir movimentos contrários ao Governo – chegou à cidade, todos ficaram apreensivos.

Havia um rapaz, Sirlei o descreve como afeminado, de quem todos gostavam. Nesse dia ele veio correndo em direção às garotas dizendo para que elas voltassem para a casa e esquecessem a aula. O DOPS estava ali. Era mais seguro ficar longe das ruas.

SOBRE UM HOMEM

O pai era bravo.

Sirlei cresceu com muito medo de desapontá-lo. Não queria levar broncas nem ficar de castigo. Via os irmãos apanhando e tinha medo de fazer qualquer coisa que desse motivo para apanhar. Acredita que era por ter medo que nunca fez nada de errado e, também, o motivo pelo qual era tímida.

Ele era severo com as atitudes de sua família. Controlava tudo o que acontecia com os filhos e esposa. A mãe de Sirlei nunca pôde trabalhar fora. Ficava em casa, cuidando de tudo relacionado à ela e aos filhos. Além do serviço doméstico, também fazia costuras para fora.

Dentro de casa era um homem de família. Fora, ele tinha suas amantes. Era um tempo diferente. “O homem para ser homem tinha que cuidar de sua família e não podia controlar seus desejos”, comenta Sirlei. Apesar das escapadas do marido, o casamento durou 54 anos. Acabou apenas porque o pai de Sirlei faleceu.

Os olhos de Sirlei se enchem de lágrimas. Seu pai significa muito e ela se espelha em tudo aquilo que lhe ensinou.

A serraria que construiu dava muito lucro. Graças a ela conseguiu proporcionar uma vida de confortos para sua família. Mas, 1967 trouxe uma crise financeira que destruiu muitos negócios, levando diversas pessoas à dívidas que não poderiam quitar.

O desespero dominou Osvaldo Cruz. Muitos “faziam a madru-

gada”, que era pegar todos os pertences, colocar em um caminhão e sumir no meio da noite, sem que ninguém visse, explica Sirlei.

Hombridade. Essa é a palavra que Sirlei usa para descrever seu pai. Ele também se endividou, mas se negou a fugir. Recebeu uma proposta para o Rio de Janeiro. No entanto se recusou a deixar Osvaldo Cruz enquanto estivesse em débito.

Para Sirlei essa é a maior herança que seu pai podia lhe dar: um exemplo de cidadania, integridade e respeito ao próximo.

HISTÓRIAS DE AMOR

Sirlei tinha 23 anos quando se casou.

Seu marido era o oposto daquilo que sua família esperava – cabelos longos, trabalhava em um escritório durante a semana e, aos finais de semana, se transformava em um músico. Tocava nos bailes com seu grupo fazendo a alegria dos jovens.

Quando o pai de Sirlei o viu pela primeira vez, quis matar a filha. Certamente aquele não era o par que escolheria para a sua menininha.

Sirlei nunca tinha ido à um baile antes de se casar. As amigas curtiam a vida e saíam sempre, e depois lhe contavam tudo o que tinham visto e feito. Mas seu pai a mantinha dentro de casa, o “lugar de uma moça decente”. Então, depois do casamento, todos os seus finais de semana ganharam um novo tom, passando a ser recheados de música e dança nas pistas dos clubes.

Quando fez 25 anos sua filha Tânia nasceu. O casal ganhou um novo ingrediente em sua felicidade conjugal.

Mas a alegria nunca é eterna. Passado um ano e três meses do nascimento da filha, o pai vai embora. Sirlei tinha 27 anos quando ficou viúva.

A tristeza tomou conta de seu lar. Já não havia bailes, cabelos longos, dança ou música. Naquele momento existia apenas o coração partido de Sirlei.

Mas havia Tânia com que se preocupar. Precisava ser forte e estar

presente para sua filha. O tempo passava, a dor se distanciava e sua vontade de viver retornava. Voltou a sair, voltou a dançar e decidiu conhecer novas pessoas.

Passaram-se sete anos da morte de seu primeiro esposo quando Sirlei decidiu dar uma nova chance ao amor. Se casou e, aos 36 anos, deu à luz sua segunda filha, Flávia.

Mas esse casamento não foi como o primeiro. Se separaram, amigavelmente, sem que nada fosse oficializado. Após 10 anos vivendo longe, ele morre. E Sirlei torna-se viúva pela segunda vez. Suas filhas perderam seus pais, tendo na mãe a única figura como exemplo de pai e mãe.

QUANDO O TEMPO AGE

Sirlei vive há quatro anos em Bauru. Foi a filha caçula quem escolheu a cidade para viver e ela decidiu acompanhar a jovem nessa escolha.

E Sirlei amou a mudança.

Por 60 anos morou em Osvaldo Cruz, uma cidade pequena no oeste paulista. Lá ela vivenciou todas as emoções da juventude, as privações econômicas e os amores.

Durante esses anos Sirlei teve a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento da cidade. A saída das pessoas da área rural para a cidade. A transformação das escolas onde estudou. Viu amigos indo e vindo em direção à diferentes partes do Brasil. Em 60 anos muito aconteceu. O progresso não pode parar.

Sirlei cursou o Normal, como o CEFAM (Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério) era conhecido. Hoje, tal curso já não existe mais. As jovens o frequentavam para se tornarem professoras. No entanto, Sirlei nunca entrou em uma sala de aula para lecionar. Fez o curso apenas porque era o desejo de seu pai. Ela nunca gostou da profissão. Seu sonho era ser médica, entretanto, os problemas financeiros atrapalharam sua ida à universidade.

Assim, Sirlei terminou os estudos e conseguiu seu primeiro emprego com beneficiamento de café. Por nove anos trabalhou na área. Decidiu, então, prestar um concurso, em 1974, para trabalhar na

Fazenda do Estado. Aprovada, passou a trabalhar com recolhimento de impostos. Por 26 anos exerceu essa função, até que conseguiu sua aposentadoria.

Para Sirlei só há uma coisa ruim na vida de aposentada – não existe mais férias!

As duas filhas de Sirlei – Tânia e Flávia – saíram de casa. Ela ficou em Osvaldo Cruz cuidando de sua mãe até o dia de seu falecimento. Sem nenhuma ligação mais com a cidade, Sirlei escolheu viver com a filha Flávia em Bauru.

Quando se passa todos os seus anos morando em um lugar apenas, é comum que amizades que acreditam ser eternas sejam formadas. Mas Sirlei aprendeu que, apesar de jamais esquecer um rosto ou um nome que um dia lhe foram próximos, o contato deixa de existir. Conversas diárias se tornam ocasionais até que, um dia, o convívio se transforma em memória. Uma lembrança de amizade.

Sirlei diz que “a distância é o melhor remédio para se esquecer qualquer coisa”. Se ela ajuda a esquecer e a curar tudo o que vivemos de ruim, também leva as coisas boas que aconteceram em nossa trajetória. Sinto que Sirlei acredita no aqui e agora, o amanhã será o que tiver que ser e o ontem, bom, nada mais é do que uma memória.

Assim também os sonhos ficam esquecidos.

O desejo que tinha de ir para a universidade e fazer um curso superior deixou de existir.

Sirlei combinou com o primeiro marido de ambos irem para a faculdade, mas quando ele faleceu, o sonho morreu junto.

Agora, ela vive com o que tem satisfeita com suas filhas e seu tempo livre para ler e viajar.

AS ÂNCORAS

“Filhos são um empréstimo de Deus”.

Ser mãe é como receber um presente, explica Sirlei. Vê suas filhas como dádivas que Deus lhe deu para cuidar e ensinar. Sua responsabilidade é oferecer o melhor para os presentes que ganhou.

Ser mãe foi o melhor que poderia ter lhe acontecido. Suas filhas foram suas âncoras nos momentos de maior dificuldade de sua vida, como quando ficou viúva e de sua separação.

Foi para o bem de Tânia, que era apenas um bebê quando ficou órfã de pai, que Sirlei precisou se concentrar no cotidiano e se manter inteira e feliz. Queria que a menina crescesse em um ambiente alegre, independente da dor que sentisse por dentro.

Tânia saiu de casa aos 17 anos, para fazer a faculdade. Lágrimas se acumulam no canto dos olhos de Sirlei ao se lembrar do dia da mudança. A voz falha quando conta como foi ver a filha diminuindo pelo retrovisor, com sua mão acenando o tchau para a mãe. Nesse dia o choro veio quando sua cunhada lhe disse que Tânia não voltaria mais. Sirlei soube que era o momento de deixar aquela pequena que criou sair e ganhar o mundo. Era a vez da história de Tânia seguir seu rumo.

Flávia então se tornou a sua “amigona”. É dez anos mais nova que a irmã e nunca deixou o lado de sua mãe. Estão sempre juntas. Foi Flávia que a ajudou após a separação do marido e quem estava lá quando Tânia foi para a faculdade.

Sirlei foi mãe aos 26 e aos 36 anos. A diferença de 10 anos é o suficiente para que uma pessoa mude completamente suas opiniões, costumes e crenças.

Com a filha mais velha, a dificuldade foi maior. Havia acabado de ficar viúva, queria sentir a dor, ficar em seu canto e chorar. Em outros momentos, queria sair e se divertir. Afinal, era uma jovem de 27 anos. Mas sua filha estava lá, precisava de atenção e cuidados. Entre choros e fraldas, Sirlei aprendeu os sacrifícios que envolviam o ser mãe.

Acredita que a diferença de idade também foi influência para a criação diferenciada das duas meninas. Quando era mais jovem acreditava que a filha tinha que aprender a fazer as coisas, tinha a obrigação de guardar seus brinquedos no momento que parasse de brincar. Já quando mais velha, ela passou a sentar com a caçula e fazer tudo junto. Ensinar, não exigir.

Isso não é favoritismo. Sirlei explica. O que acontece é a experiência. Com a idade percebeu que brigar trará apenas cansaço e discórdia. A idade lhe mostrou a serenidade.

Suas filhas são as mulheres mais importantes de sua vida. Ao amor incondicional que diz que existe dentro dela, Sirlei chama de “amor mágico”.

SOBRE FILOSOFIA E FÉ

Quando Sirlei diz que dificuldades ensinam mais percebo que ela possui o tom de quem viveu muitas tristezas. Conforme ela conta sua história, fica evidente esse fato.

A decadência financeira na adolescência, os sonhos perdidos, a morte de seus maridos e de seu irmão, são passagens em sua vida que poderiam ter lhe transformado em uma mulher amarga, para quem a busca pela felicidade não tem sentido.

Mas a vida, às vezes, é o oposto daquilo que a crença popular ensina. As dificuldades podem ensinar e fortalecer.

Sirlei diz que foi Deus quem lhe deu a força para superar todos os obstáculos, enfrentar os maus momentos e seguir em frente com as filhas.

Sirlei teve uma criação católica, tradicional. Durante muitos anos frequentou a missa, fazendo parte de todos os dogmas e ritos do catolicismo. Foi batizada, crismada e fez a primeira comunhão.

Aos 21 anos perdeu um de seus irmãos. Era policial. Naquele momento passou a questionar a vida, e o que acontece quando ela acaba. Não queria acreditar que o irmão tinha simplesmente sumido da história do mundo. “Tem que ter algo mais”, dizia.

É nessa época que começa a ler sobre o espiritismo. O primeiro livro espírita que lê é o Há Dois Mil Anos. Nessas leituras adquire uma visão diferente. Sirlei passa a aceitar tudo o que acontece. Em

seu coração e mente sabe que há um porquê para tudo. Ela se identifica com o espiritismo, mas ainda não deixou de ir à missa.

Somente com a morte de seu primeiro marido que ela aceita o espiritismo como sua crença e fé, passando a frequentar o Centro Espírita.

Os espiritas não falam de religião. Eles creem em uma filosofia. É uma filosofia que auxilia a aceitação e superação da perda. Os esposos, o irmão, o pai e a mãe de Sirlei desencarnaram. Logo voltarão para essa Terra. Sua tristeza serviu para aperfeiçoar quem é como pessoa, aponta Sirlei. Ela considera o espiritismo como uma doutrina. É tentar mudar como puder.

“Fazer o bem sem ver a quem”. É nisso que acredita e é assim que quer viver. Sabe que não é sempre que consegue seguir seu ideal. Os erros são diários, mas não quer ser falsa e “passar de santa dentro do templo e fazer besteira quando está fora”, como ela diz que muitos fiéis que conhece são. Para ela esse “fazer o bem” é o ser honesta, o não brigar no trânsito, o respeitar o próximo, o ter paciência.

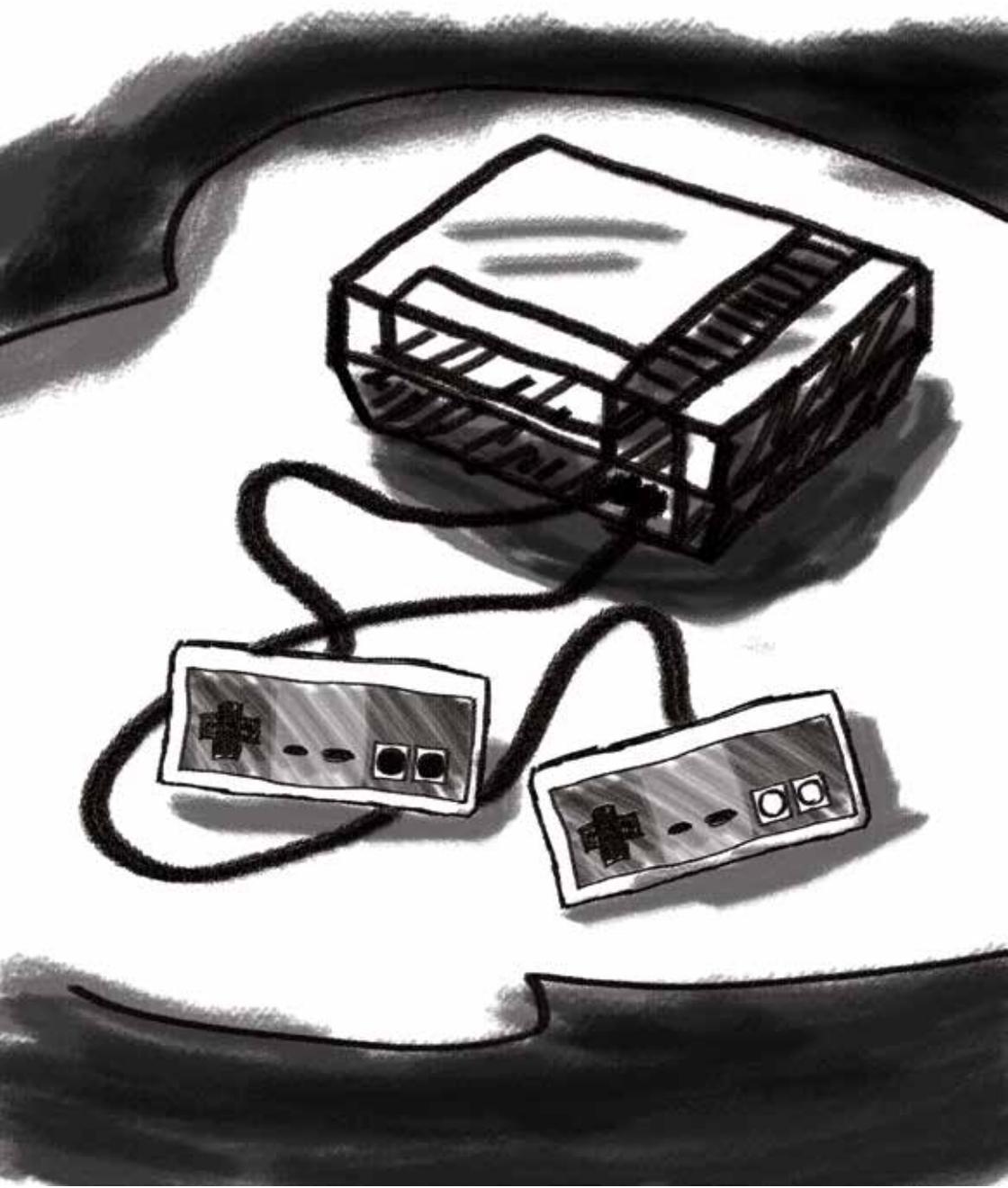
O procurar ser feliz sem prejudicar ninguém.

Cuida de sua religião à sua maneira. Antes de se identificar no espiritismo conheceu diversas religiões, vivendo na curiosidade, querendo algo para crer e viver.

Desde sua mudança para Bauru Sirlei não foi mais à missas ou ao centro. Aplica sua fé de seu jeito. Ela crê em Deus e jamais deixa de fazer sua oração ao pé da cama. Faz as rezas como foi ensinada quando criança, com o Ave-Maria e o Pai Nosso. Depois, faz sua conversa diária com Deus.

Sirlei acredita que são os pequenos atos do dia a dia que mudam a vida.

Assim, voltamos à sua filosofia de vida - “é melhor ter paz do que razão”.



*FLÁVIA
MARIÁ
ZORZANI
BISQUER
JORGE*

O ESSENCIAL

Faz calor.

A janela está aberta, mas a brisa não é o suficiente para refrescar. A luz da sala está apagada, para que nenhum inseto entre voando. A única iluminação pertence à sala ao lado, mas é suficiente para que possamos nos ver. Não é um cômodo grande e não existe nenhuma barreira física entre os dois ambientes.

Sobre a mesa de canto há um copo de suco e outros dois com água. A poltrona, em que estou sentada, faz um ângulo reto com o sofá. Na parede oposta, uma estante com divisórias sustenta a televisão e diversas fotos antigas.

Flávia Maria Zorzan Bisquer Jorge. Ufa! Tem 28 anos. Está sentada no sofá de maneira descontraída, com os pés sobre o móvel. Suas roupas são leves, despojadas. O gravador e o bloco de papel em minha mão não a incomodam.

Flávia é a filha caçula. Não gosta de ficar sozinha. É 10 anos mais nova que a irmã Tânia. Então, sempre teve a mãe e a irmã a mimando e fazendo tudo por ela. Acostumou-se a ter alguém em casa lhe esperando para fazer carinho e conversar, além do prato de comida quentinha sobre a mesa. Adora acordar e ter o café da manhã pronto, preparado pela mãe.

Nunca morou sozinha. A simples ideia a deixa nervosa. A mãe passou uma semana longe, visitando Tânia em São Paulo. Como resultado, Flávia ficou doente. Durante todos os dias que a mãe esteve

fora, não comeu corretamente. Para ela não é apenas difícil ficar sozinha. É de sua mãe que não consegue se afastar.

Flávia não é religiosa. Ela tem fé. Acredita em Deus e no espiritismo. Assim como a mãe, ela conversa todos os dias com Deus. Pensa que é preciso existir um relacionamento com Deus. Mas não vê necessidade de uma religião. “Nunca fez falta”, diz.

Honestidade, a essência que busca para manter seu ser. Aquilo que ela acredita ser capaz de tornar alguém melhor. Então, é o que procura sempre oferecer.

Flávia não se vê como mais uma no mundo. Ela se olha no espelho e diz “sou importante”. Acredita que faz a diferença. Pensa que o mundo ficaria diferente sem ela. Sua família, colegas de trabalho, amigos, pessoas que convivem com ela e que se importam e gostam dela, sentiriam sua falta.

Não apenas isso. Flávia vê sua história como parte de um ciclo. Sua mãe e seu pai lhe passaram valores que absorveu e que hoje outras pessoas também absorvem e aprendem com ela. Isto se repetirá eternamente. Mesmo que seu nome se apague, aquilo que um dia ela fez por alguém jamais apagará.

LIÇÕES DE VIDA DE UMA CRIANÇA

Para alguns é a melhor época da vida. Para outros, apenas uma fase necessária.

Flávia não tem muita lembrança dessa época. “Foi uma infância tranquila”, diz. Apesar dos pais brigarem sempre, ela nunca se concentrou nisso. Nem mesmo se lembra das brigas serem constantes. Eles se separaram quando tinha 12 anos, mas isso não afetou sua vida.

Das poucas memórias que tem dessa época, algumas das brincadeiras na rua são ressaltadas. Era a única menina entre os colegas, assim, cresceu rodeada de garotos, correndo, jogando bola e voltando para casa coberta de terra.

Seu jogo favorito era bete, também conhecido como Taco em alguns lugares. A rua que morava era grande e as crianças se divertiam muito jogando e fazendo pequenas travessuras. Conta sobre a façanha de um dos amigos em um dia de brincadeiras na rua. Estavam jogando Taco quando ele acertou a bola que voou diretamente para uma viatura que passava, entrando pela janela aberta. Feito único. Ri ao contar e história. “Ainda bem que a janela estava aberta e que o policial era bonzinho”, brinca.

Também brincavam de pega-pega. Mas disso ela já não gostava muito. Sempre preferiu não ter que se mexer, muito menos correr sem parar.

Gostava de ficar na casa da avó paterna. Saía do curso de inglês, que ficava na esquina da casa da avó, e corria para lá para brincarem de bola e esconde-esconde. Mas as tardes de diversão das duas não duraram muito. A avó faleceu quando Flávia tinha 9 anos. Não entende como as lembranças de seus dias juntas ainda estão tão claras em sua memória.

Em meio às aventuras e brincadeiras da infância que lhe tomam a memória enquanto conversamos, Flávia relembra do maior susto que deu em sua mãe.

De todos os amigos que tinha na rua seu favorito era o Rafael. Estavam sempre juntos. Se não fosse na rua, era na casa de um ou de outro.

Em um dia específico, Flávia resolveu que não queria voltar para casa. Quando a mãe veio lhe chamar, escondeu-se no quarto de Rafael e pediu que ele dissesse à mãe que ela não estava lá.

Assim começa a jornada de dona Sirlei para encontrar a filha. Bateu em todas as portas perguntando por Flávia, recebendo sempre a mesma resposta – ela não está aqui. Em desespero, ela começou a subir e descer a rua gritando pelo nome da filha. A mãe de Rafael finalmente percebeu o que se passava e falou que a menina estava em sua casa.

Tanto Rafael quanto Flávia dormiram de bunda e ouvidos quentes naquela noite.

Foi assim que Flávia aprendeu a manter a mãe sempre informada de onde está e para onde vai, mesmo quando já adulta.

QUANTO SILÉGIO

ânia é 10 anos mais velha, mesmo assim nunca fez de Flávia sua boneca nem atormentava a irmã, fazendo dela “café-com-leite” nas brincadeiras (aquilo que todas crianças mais velhas fazem com as menores para fingirem que estão brincando juntos). Assim, quando jogavam videogame, o controle de Flávia estava ligado e ela realmente participava das missões e fases dos jogos.

Tanto que a primeira palavra que lhe vem sobre a história é silégio. Não, essa palavra não está em nenhum dicionário. Flávia a inventou, quando estava por volta dos cinco anos. As duas meninas tentaram e tentaram passar uma fase do jogo e não conseguiram. Após um dia de sofrimento em frente à tela da televisão, Flávia saiu e foi falar com a mãe, consternada com a situação.

“É muito silégio aquela fase”, disse. Nem mesmo dona Sirlei sabe o que a filha quis dizer. Flávia pensa que ela tentou falar sacrifício, mas não está muito certa disso. O que importa é quem mais de 20 anos se passaram e todos ainda dizem “quanto silégio” quando o jogo fica difícil.

O videogame é importante na história das irmãs. É o que elas têm em comum. Mesmo após anos se passarem, Tânia ter se casado e elas viverem longe, são sobre os jogos que conversam sempre e é logo a primeira coisa que fazem juntas.

O videogame é a ligação de Flávia com Tânia.

Como irmã mais nova, Flávia sempre viu Tânia como uma inspiração. Alguém em quem se espelhar.

Observa aquilo que sua irmã faz e que dá certo, tentando ser uma pessoa como a irmã. Os anos de diferença só ajudam a criar uma ideia mais clara de como agir. Pensa naquilo que Tânia fez quando tinha sua idade. Os investimentos que deram certo, as viagens, as escolhas de vida. Observa tudo e decide como ela poderá aplicar a experiência da irmã em sua própria vida.

Tânia ajudou a criar Flávia. Assim, hoje, faz o que pode para sentir o orgulho da irmã.

O videogame pode ser uma metáfora sobre como Tânia influenciou sua irmãzinha. Sempre a tratou como uma igual, nunca duvidou da capacidade de Flávia de conquistar as coisas. Uma irmã que incentiva.

Não importa os silégios da vida, as irmãs sempre terão uma à outra.

A SORTE DE QUEM FAZ

Flávia sempre foi tímida. Quando adolescente não gostava de sair. Eram os amigos que iam à sua casa para as festas que a mãe preparava. Sua mãe era conhecida como a tia legal.

Isso mudou um pouco quando fez 19 anos e entrou na faculdade. Passou a sair aos finais de semana com os colegas, viajando para outras cidades e dormindo fora. Foi também quando resolveu beber pela primeira vez.

Alguns copos de vodca com os amigos e pronto. Flávia simplesmente saiu de si. Perdeu a consciência. Quando acordou, não se lembrava de nada. No celular, dezenas de chamadas perdidas de sua mãe.

A dor de cabeça, a vergonha da ressaca e o medo de uma bronca por ter deixado a mãe preocupada, sem nenhuma notícia sua foram o suficiente para ensinar a lição. Primeira e última vez que ficou bêbada. Depois do episódio, Flávia nunca mais bebeu. Ou, ao menos, nunca mais bebeu vodca.

Essa noite também ensinou à Flávia nunca esquecer de falar com a mãe sobre onde está. Ela saía todos os finais de semana com os amigos da faculdade. E a mãe sempre sabia seu paradeiro.

Mesmo durante a faculdade, sua mãe continua a ser a “tia legal” e a casa de Flávia é o ponto de encontro dos colegas.

Flávia não quis sair de sair de casa para fazer a faculdade. Ela não tinha certeza do curso que queria fazer. Assim, buscou aquilo

que Osvaldo Cruz oferecia e decidiu estudar Administração. Ainda durante a graduação, fez estágio em uma empresa de computação, aproveitando o curso técnico em sistemas que fez durante o ensino médio.

Depois dos dez meses no estágio, Flávia foi trabalhar em uma empresa de transportes. Seu chefe gostava de sua forma de trabalhar, queria ver a jovem crescer, assim, ele a indicou para trabalhar em Bauru.

Flávia, que nunca quis sair de perto da mãe, encarou a distância e se mudou para Bauru. Infelizmente, a empresa que a chamou fechou, mas não sem antes ela conseguir uma posição em outra transportadora, que ficava na mesma rua onde já trabalhava.

Já se passaram quatro anos desde que Flávia se mudou para Bauru. Segue firme em seu trabalho, ao lado de seus “meninos”, como chama os rapazes que trabalham na empresa. Hoje é a única mulher lá, mas conta que nunca passou por nenhuma situação desagradável nem sofreu qualquer tipo de preconceito. Seus “meninos”, que na verdade já são homens bem mais velhos, a tratam como uma filha, o que deixa o ambiente de trabalho mais descontraído e agradável.

Flávia não sabia que profissão escolher. Sabia apenas que queria ficar perto da mãe enquanto estudava. Assim, estudou Administração. Mesmo sendo uma escolha aleatória de carreira, ela nunca se arrependeu. O cargo que ocupa hoje, no setor financeiro e administrativo, se deve à faculdade que cursou.

Os anos passaram, ela se ajustou no mercado de trabalho e acabou por se identificar na área que atua. Tudo o que fez foi agarrar as oportunidades que apareciam e não ter medo do amanhã. Conta que tudo o que fez para conseguir chegar onde chegou foi dar valor à sua própria capacidade.

“Eu sou capaz, é só correr atrás e fazer”. Flávia conclui que na vida não se trata de sorte, “é capacidade e oportunidade” que definem o futuro de cada um.

O QUE SE VÊ PELA JANELA

Estamos 326 quilômetros distantes de São Paulo, no centro-oeste paulista. A região é muito quente, o inverno só aparece alguns dias por ano. A terra vermelha, o terreno plano, com algumas elevações e colinas baixas salpicando aqui e ali. As árvores deram lugar às plantações de cana e soja e à criação de gado. A paisagem agrada aos que pertencem à região e o clima castiga os de fora.

Oswaldo Cruz é um pouco mais distante de São Paulo e a paisagem que se vê da janela do carro quando se viaja entre as duas cidades muda a cada minuto, desde a mata atlântica da serra da Mantiqueira até as plantações e gado do oeste paulista.

No meio do caminho entre São Paulo e Oswaldo Cruz, há Bauru. Quem segue a rota não consegue fugir de ver um pedaço da cidade pela rodovia Marechal Rondon. Da rodovia se tem uma boa perspectiva da cidade – a avenida larga que a cruza de norte à sul, os prédios residenciais, o shopping, as universidades.

Flávia é de Oswaldo, sua irmã vive em São Paulo, portanto, constantemente via Bauru pela janela do carro em suas viagens. Não sabe quando a ideia nasceu, só sabe que sempre falou de um dia viver naquela cidade que passava pela janela.

Então, a oportunidade surgiu. Estava trabalhando na transportadora em Oswaldo Cruz quando seu chefe a indicou para uma vaga em Bauru. Flávia abraçou a chance e participou de todos os processos seletivos da empresa até ser selecionada para a vaga.

Em dezembro de 2010, Flávia se instalou na cidade que sempre comentou que moraria.

Sua mãe não pôde acompanhá-la. A avó estava muito mal e não podia percorrer a distância entre as duas cidades. Sua mãe decidiu ficar em Osvaldo. A primeira vez que Flávia ficou longe da mãe. Mesmo assim, ela não se mudou sozinha para Bauru. Dani, sua namorada, a acompanhou. Elas ficaram dois meses juntas, quando Dani, então, recebeu uma oportunidade de trabalho em outro local. Mas isso é história para outro momento.

Nos primeiros meses ela morou com uma amiga, Jupi. Ficava na edícula, no fundo da casa de Jupi. Todas as noites, quando chegava do trabalho, Flávia conversava um pouco com a amiga. Foi ela também quem ajudou Flávia na adaptação na cidade, ensinando a andar pelas principais ruas e quais os melhores mercados para fazer compras. Assim, nunca se sentiu sozinha nem perdida com a mudança.

No mês de março do ano seguinte à sua mudança, sua avó faleceu. Sua mãe já não tinha mais nada que a segurasse em Osvaldo – a filha mais velha mora em São Paulo e a caçula em Bauru. Em julho ela se muda para Bauru e Flávia tem sua mãe de volta.

Escolheram para morar um apartamento em um dos muitos condomínios de prédios que existem em Bauru. Optaram por uma região que muitos estudantes também acabam indo viver durante a graduação. Tem supermercados, farmácias, padarias e pontos de ônibus próximos. A avenida principal, que liga a cidade de norte à sul e leva aos principais pontos, está apenas a duas quadras. E a rodovia pela qual Flávia sempre admirou a cidade? Está também a algumas ruas de distância.

Ela não sabe de onde veio o desejo de viver ali, mas tem certeza de que não se arrepende de sua escolha.

“SÃO ALIENS”

Observem a sua volta, o seu dia a dia, os detalhes que existem na vida social. Percebeu como o amor está em todos os lugares? Basta um novo feriado, e lá está ele vendendo produtos para o dia das mães, dos pais, dos namorados etc. Se for ao cinema vai notar como quase todos os filmes tem cenas dedicadas às paixões.

Agora, observe mais atentamente. Quantas dessas paixões e amores são entre pessoas do mesmo sexo? Poucos, ou melhor, quase nenhum.

Crescer sendo diferente daquilo que a sociedade determina, sempre faz com que a pessoa fique perdida em sua identidade.

Flávia sempre se viu como alguém “não normal” - em suas palavras. Enquanto suas colegas gostavam dos professores, ela olhava para as professoras. Ela sempre soube que “fugia do padrão”.

Quando ficou mais velha, Flávia tentou gostar e sair com meninos. Mas não sentia nada por eles.

Sua vida mudou quando foi para a faculdade. Lá ela aprendeu que é exatamente como as outras pessoas. Passou a deixar de acreditar que era diferente. Conheceu meninas como ela. Começou a se aceitar e a se abrir para conhecer novas pessoas. Para viver suas próprias paixões.

Foi então que conheceu uma menina. Dani era seu nome.

Flávia não sabia como contar para mãe sua opção sexual. Ela

sempre foi mais tímida, dificilmente se abria. Não sabia nem mesmo como começar tal conversa. Tinha receio de como seria a reação da mãe. Afinal, pessoas como ela “são aliens”, diz.

Para sua sorte, sua mãe foi quem deu início ao assunto.

“Você nunca teve namorados”, começou a mãe, “ou seriam namoradas?”

Flávia fala, com empolgação, como foi que, depois desse questionamento, feito dessa maneira, ela finalmente contou tudo para a mãe.

Dani.

Flávia a conheceu durante as festas dos amigos da faculdade. Ela olhou para a Dani e logo gostou dela. Mas Dani tinha namorada.

O namoro não durou muito. Todos sabiam que Dani era constantemente traída e, quando se cansou de tanta infidelidade terminou o namoro.

Flávia então se aproximou. Elas começaram a conversar, a sair, a ficarem juntas. O namoro teve início e logo veio a hora de conhecerem as famílias uma da outra. Flávia conta que no início o pai de Dani não gostou muito da ideia, mas que hoje já a aceita bem e gosta dela.

O namoro ainda tinha a dificuldade de distância. Enquanto Flávia vivia em Osvaldo, Dani estudava em Marília. Mas as meninas faziam o possível para estarem sempre juntas. Cada momento, por menor que fosse, contava.

Até que as duas conseguiram trabalho em Bauru. Ficaram juntas por dois meses. Os filmes de romance saíram das telas dos cinemas e foram para a vida das meninas. Mas como diz o conhecimento popular, tudo o que é doce sempre acaba. Dani foi aprovada no concurso público em Catanduva. Sem poder recusar uma oportunidade como essa, ela se mudou.

Mais uma vez o namoro se tornou à distância.

Flávia e Dani já estão juntas há quase sete anos. Mesmo com as dificuldades, Flávia sente que vai dar certo. Elas planejam se casar e buscam trabalho onde possam ficar juntas, finalmente.

Elas se esforçam para viver seu romance. Dani significa muito para Flávia. Elas crescem e aprendem juntas. Trocam experiências e manias. Essa história pode se resumir em uma frase de Flávia sobre Dani - “ela me faz bem”.

SOBRE MÃE E FILHA

Os pais de Flávia se separaram quando ainda era criança. Amava o pai, mas não teve muito contato com ele. Quando ele faleceu, poucas lembranças lhe restaram. Sua mãe, dona Sirlei, nunca se afastou. Trabalhava fora, criava duas meninas e ainda ajudava cuidar de seu próprio pai e, mais tarde, de sua mãe.

Flávia cresceu vendo o esforço de sua mãe e a admirando. Tudo em sua vida sempre acaba voltando para a mãe. Suas histórias, viagens e sonhos sempre incluem dona Sirlei.

Quando ela vê a história de Sirlei, todas as perdas que a mãe sofreu, as privações e, também, as alegrias e momentos de fartura, tudo o que Flávia deseja é ter o mesmo poder de superação da mãe.

Com dona Sirlei aprendeu o valor da honestidade, o respeito para com as outras pessoas.

Flávia adora a mãe.

Dona Sirlei é sua inspiração. Faz tudo sempre pensando no que sua mãe poderia pensar de suas escolhas e atitudes.

Sua decisão de não sair de casa para estudar se deve ao fato de querer estar sempre bem perto da mãe.

Ela pensa em se casar, mas quer que dona Sirlei more junto.

Sirlei é o tudo de Flávia. É sua melhor amiga, companheira de todos os momentos e conselheira nas horas de dúvida. “Minha mãe fez quem eu sou”, conclui Flávia.



LIMA



HELOÍZA

HELENA

DE LIMA

SOBRE EMOÇÃO E LEGADO

Estamos em uma escola de idiomas na pequena cidade de Pinhalzinho, no interior de São Paulo. A mesa de escritório fica de frente para a porta e há uma grande janela de vidro à esquerda de onde se pode ver a rua. Há carros parados, mas quase nenhum movimento. A rua está silenciosa e vazia.

Heloiza Helena de Lima tem 59 anos. Trabalha todos os dias na escola de idiomas. Suas horas são preenchidas pelas idas e vindas dos alunos, pelo telefone tocando e pelas vendas dos produtos de catálogo que faz.

Conhece quase todos na cidade. Faz parte de sua personalidade conversar com quem quer que apareça na porta. As pessoas a consideram alguém alto astral, sempre divertida.

Mas sua descontração e facilidade de conversa é reservada para quem ela conhece já há algum tempo. Faz amizade fácil, mas não confia nem se abre com todos. Acaba de me conhecer, então permanece séria e suas respostas são curtas a princípio. Leva algum tempo até que ela decida me contar mais sobre si mesma.

Ela se descreve como uma pessoa amiga, alguém que gosta de ajudar e estar sempre presente. Se qualquer um da cidade fica doente, lá vai dona Helô com uma sopa animar a pessoa. Ela simplesmente não consegue parar de ajudar.

É alguém “boa de coração”, diz.

Dona Helô é importante para Pinhalzinho, ela faz diferença ali.

Ser companheira, querer o bem de todos, não ter ódio nem guardar rancor, ser serena, todas as características que a tornam quem é não são apenas parte de sua personalidade. Esse legado que hoje passa lhe foi deixado pela mãe, dona Otília. Ela cresceu vendo a mãe recebendo pessoas em casa, servindo chás e comida. Aprendeu a compaixão e deseja perpetuar isso, passando a tradição da família para a filha e netas.

A dona Helô que não é descrita em palavras pela família, amigos e ela mesma, é aquela que vejo sentada em minha frente – uma senhora do interior desconfiada de estranhos, atenta aos detalhes, em constante movimento e alguém muito sensível.

Dona Helô não me olhava. Seus olhos estavam sempre se voltando para a rua, como se esperasse alguém vir lhe pedir algo. Sempre atenta a todos os sons. O envolvimento que tem com a dinâmica da cidade estava ali estampado em cada movimento seu. Seu telefone recebia mensagens constantemente. As pessoas a procuravam e ela estava preparada para isso.

Além disso, sua sensibilidade também é evidente. Seus olhos marejam conforme memórias são contadas. Ela revive as histórias de sua vida e seus olhos refletem o quanto sente saudade do tempo que já foi.

OTHILIA

Othilia Fornari de Lima. Esse nome é conhecido por todos na cidade de Pinhalzinho. Ele está estampado em uma das escolas municipais. As crianças que hoje lá estudam podem até mesmo nem saber quem foi essa mulher, mas os antigos se lembram muito bem. Othilia foi a primeira professora da cidade, a favorita de quase todos para quem lecionou.

Mas para Heloiza, Othilia foi mais do que professora – foi amiga, conselheira, companheira. Foi quem lhe criou, lhe deu vida. Foi sua mãe.

Heloiza não consegue evitar que seus olhos se encham com as lágrimas causadas pelas lembranças, mas luta para que elas não saiam. Sua mãe era tudo para ela e, desde que faleceu, em 2001, não sabe ao certo como consegue seguir firme cada dia.

Othília estudou no Colégio das Madres, na cidade vizinha Bragança Paulista. O colégio era interno e só voltava para a casa nas férias. Lá aprendeu regras de etiqueta e a manter o porte de uma dama. Concluiu seus estudos para ser professora. Deu aulas em Bauru, antes de se tornar a primeira professora de Pinhalzinho.

Tinha muito orgulho de o presidente da República vigente, Juscelino Kubitschek, ter comparecido à sua formatura, e contava o fato para todos que parassem para lhe ouvir.

Othilia era conhecida por seu talento enquanto educadora, sua determinação em sempre aprender mais, seu envolvimento com ati-

vidades culturais e, também, por seu porte elegante. Nunca abandonou o salto alto ou suas maquiagens. Na época em que lecionava, ser professora era um status social e o salário estava entre os mais altos. Havia também o respeito dos alunos e a admiração dos pais. De fato, outros tempos.

Uma mulher de múltiplas qualidades. Escrevia com ambas as mãos, era a artista da família e não podia passar o dia sem ler os seus jornais. Informação e educação são as coisas mais importantes que Othilia acreditava que se podia ter.

Da filha Helô, Othilia exigia muito que estudasse, nunca pensou muito no casamento da filha.

Heloiza se lembra do quanto a mãe era carinhosa e nunca dava castigos. Helô nunca apanhou em sua vida. Também nunca aprontou coisas sérias, apenas brincadeiras inocentes de criança. Não tinha medo da mãe por ela ser muito afetuosa, ao mesmo tempo, Othilia tinha um olhar que paralisava. Bastava dar aquele olhar para a filha para que ela soubesse que o era o momento de se comportar como havia sido educada.

Heloiza cresceu em um ambiente em que a mãe estava sempre ajudando a todos, recebendo em casa qualquer um que batesse à porta. E é essa a maior marca de sua mãe em seu ser. Helô quer oferecer seu melhor, como viu a mãe fazer.

A admiração e o amor de Heloiza pela mãe é inquestionável. Ela a adorava. Para Helô sua mãe era tudo.

UMA HISTÓRIA COMUM

As montanhas se espalham pela região. Até onde os olhos podem alcançar há apenas morros cobertos de grama verde com gados pastando e resquícios espalhados da mata atlântica. Estamos na Serra da Mantiqueira, no interior de São de Paulo. Pinhalzinho está localizada bem em meio às serras e tem um clima agradável. O frio começou há alguns dias e, mesmo no meio da tarde, é preciso usar uma blusa.

A cidade é pequena, com pouco mais de 13 mil habitantes. Sua rua principal é também a única via de entrada e saída. O comércio está ali, e a praça central também, com a pequena igreja no centro. Os costumes do interior estão ali naquela praça onde as pessoas se sentam para conversar ao pé da igreja, as crianças brincam e senhoras observam de suas janelas.

A vida calma do interior paulista e o sotaque característico transformam Pinhalzinho em um lugar singular, como nenhum outro.

Heloiza nasceu e cresceu nesse ambiente bucólico e, para ela, não há lugar como sua cidadezinha. Nunca saiu de Pinhalzinho, nem nunca desejou. Lá ela tem tudo o que precisa – família e amigos. As pessoas são hospitaleiras e gentis. É, para ela, um lugar de paz.

Teve uma infância boa e tranquila. Brincava sem medo nas ruas da cidade, jogando bola ou andando de bicicleta com os amigos. “Era fácil ter uma infância”, conta, “a criança podia ser criança”.

Helô adorava ficar na cozinha vendo a mãe e a avó cozinhare.

Sempre quis ser uma cozinheira como a mãe e aprender a fazer as comidas mais gostosas. Amava também as conversas que tinha com elas na varanda da casa

Pinhalzinho é especial para dona Helô não apenas por ter passado toda sua vida ali, mas também porque a história da cidade se confunde com a história de sua família. Os Fornari, família de sua mãe, ajudaram a fundar a cidade.

O avô veio da Itália e a avó da Espanha para o Brasil para encontrar um lugar que fosse seu. Escolheram um pequeno vale no meio das serras, cercado de árvores, especialmente pinhos, o que deu origem ao nome do distrito que depois se emancipou.

Eles ergueram a cidade, doando terras e fundando todas as necessidades básicas do local. Um dos avôs de Heloiza abriu o primeiro cartório de Pinhalzinho, o outro, foi o primeiro prefeito¹.

Heloiza tem muito orgulho da história de sua família e das conquistas de sua mãe. Sente que a tradição de sua família agiu como uma forma de pressão sobre ela. A sociedade esperava dela a continuidade do legado familiar. Mas isso não a privou de uma infância de paz.

Quando pensa em tudo o que mudou na cidade que sua família fundou lamenta algumas transformações. Para ela a falta de segurança que hoje Pinhalzinho tem é a pior coisa que aconteceu à região. Pessoas de diversas localidades se mudaram para lá, mas o povo local permaneceu ingênuo.

Não há mais a paz de sua infância, nem o respeito que se tinha pelos mais velhos. Sente muito que o lugar cuja a história se mistura com a sua seja hoje quase um estranho.

1. Segundo o historiador Amilcar Barletta, no livro *Entre Elevações, Rios e Pinhais, O Município de Pinhalzinho, Orlando Fornari foi o primeiro vice prefeito, de 1965 a 1969* (2007, p.25)

...E FOI ASSIM QUE SUCEDEU

Heloiza nasceu em 1957.

Os anos 1960 foram pacatos em Pinhalzinho. A cidade, que é pequena hoje, era menor nesse período. Era tão pequena que chegava a ser irrelevante para a política e economia nacional. A diminuta expressividade da cidade não era algo negativo. Foi isso que permitiu que a tranquilidade, liberdade e a segurança permanecesse por muitos anos. Mesmo quando o Brasil passava por seus piores anos, durante a ditadura militar, os habitantes de Pinhalzinho seguiram sua vida como se nada acontecesse.

“Era o paraíso”, descreve Heloiza.

Quando criança gostava de brincar de queimada e andar de bicicleta. Tem dois irmãos mais velhos. A criação dos meninos foi um pouco diferente apenas – de Helô é exigido o porte de uma dama. Deve sempre observar a maneira como se senta, as palavras que usa e como estão suas roupas. De resto, as obrigações das crianças foram as mesmas, e podiam também brincar das mesmas coisas. Dona Othília exigia dos três filhos responsabilidade e assiduidade na escola. Queria todos com diploma universitário.

Quando os pais recebiam visitas, as crianças não podiam entrar na sala. E, apesar de estarem sempre aprontando, nunca receberam nenhum castigo nem apanharam. Helô se lembra do quanto a mãe era amorosa em sua forma de criar.

Na escola Helô foi uma boa aluna. Gostava das aulas de artes e educação física, onde podia se expressar melhor. Participava de todos os eventos da escola e ganhou diversas medalhas em diferentes atividades esportivas.

Adorava os esportes em grupo. Sempre gostou de ficar no meio das pessoas, trabalhar em equipe.

Apesar de gostar muito da escola, Helô não se dava nada bem com as disciplinas de exatas. Nos dias que tinha aula de física, química ou matemática procurava por maneiras de não ter que assistir às aulas.

Um dia resolveu comer do mesmo prato do irmão, que estava com caxumba, apenas para pegar a doença e não precisar ir à aula. Mas não deu certo - nunca teve caxumba na vida.

Por duas vezes subiu na cadeira para adiantar o relógio e fazer a aula acabar mais cedo. Na segunda vez culpou um dos colegas.

Ficou de castigo na escola e recebeu só uma suspensão, conta, mas valeu a pena. O que aconteceu foi o seguinte: Almir Rogério estava cantando na tourada. Helô e seus amigos queriam muito vê-lo. Lá foram todos e, advinha só? Conseguiram uma assinatura do cantor de “Fuscão Preto”. O pequeno detalhe é que ele assinou a carteirinha da escola. Como recompensa, foram todos suspensos. Tudo bem, eles têm um momento inesquecível para contar e recontar sobre o que aprontavam quando jovens.

Heloiza também deixou sua mãe em apuros algumas vezes. Em um de seus aniversários de criança ela resolveu que não queria apenas o bolinho que a mãe prometeu. Então, Helo garotinha saiu de porta em porta convidando toda a vizinhança para seu aniversário. Mas não avisou a mãe.

Algum tempo antes da festa, um dos vizinhos conversava com Dona Othília quando perguntou pela festa. Othília se assusta. “Mas

que festa?”, pergunta. “A Helô bateu lá em casa convidando para o aniversário dela”, responde o vizinho.

Naquele dia Helô sentiu que podia apanhar pela primeira vez mas, depois da bronca, veio a festa como ela queria. Certamente um aniversário que nem mesmo os vizinhos poderiam se esquecer.

Quando ficou mais velha, Helô passou a sair sempre com os amigos. O grupo era grande, e ela estava sempre na liderança. Saíam para conversar e tomar Coca-Cola na praça. iam muito ao cinema da cidade, onde também aconteciam os bailes. Diz que não foi à todos os bailes, apenas na maioria deles.

Nos bailes ficavam os meninos de um lado e as moças do outro. Os olhares se cruzam, as amigas dançam entre si, jogando charmes discretos para os rapazes. Os bailes no cinema eram recheados de noites de jovens que tomavam seus refrigerantes, paqueravam e dançavam.

Os anos passaram, Helô se casou e, então, chegou a hora de fazer a faculdade. Ela escolheu cursar Artes. Mas, infelizmente, a dificuldade financeira não permitiu que concluísse. Após o final do primeiro semestre foi obrigada a abandonar o curso.

Já tinha a formação do Magistério e podia lecionar, mas o seu sonho de estudar Artes nunca pode ser alcançado. Hoje já não pensa em voltar e recomeçar a faculdade. “A vida é boa”, conclui.

ILUSÃO E REGOZIJÓ

Heloiza casou-se aos 19 anos. Era jovem, mas já namorava há 3 anos. Seria inaceitável que a situação se prolongasse. Sua mãe sempre prezou por seus estudos, mas namoro era pra casar, nada de ficar prolongando. Assim, aos 19 anos ela saiu da casa dos pais para construir seu lar junto ao marido.

Pouco depois os filhos nasceram, um casal apenas. Resolveu que não teria mais filhos além deles.

Seu esposo foi seu primeiro namorado sério. Ela acreditava que seria para a vida. Era uma jovem romântica. Mas não foi como aconteceu. O casamento não durou muitos anos. O relacionamento começou a desgastar. Ele só se preocupava com o trabalho e nunca dava dinheiro para Heloiza ou os filhos. Helô o descreve como um materialista.

Ela viveu a grande ilusão de sua vida

Após a separação, pediu para que a mãe ficasse com seus filhos – naquele momento não conseguia cuidar de duas crianças e de seus trabalhos. Precisava da ajuda da mãe.

Anos vieram e passaram. Ela voltou aos bailes e a sair com os amigos. Em uma das noites de festa, amigos em comum lhe apresentam ao rapaz que mudaria sua vida. Ele é 17 anos mais novo, mas isso não era importante naquele momento.

“Foi amor à primeira vista”. Namoraram por 3 meses e se casaram.

A diferença de idade entre eles nunca foi relevante para o relacionamento. Estão há 23 anos juntos, e continuam se amando cada dia mais. Ele faz de tudo por ela. Sem Helô, o rapaz perde o rumo. Ele é muito grudado à ela e liga de hora em hora para conversarem. É o “resultado da telecena”, brinca dona Helô. Ela adora a atenção que lhe é dedicada. As ligações podem até deixá-la irritada, mas a raiva realmente vem caso ele se esqueça de ligar.

Ele foi bem ciumento dos filhos de Helô no começo. Hoje, sente ciúmes do ex marido.

Não é o casamento perfeito, diz Heloiza, mas é o companheiro que quer ter com ela até o fim.

É PRECISO SABER E GOSTAR

A culinária tem uma importância especial na vida de Heloiza. Para ela a comida é mais do que algo essencial para a vida e a saúde do corpo. A comida traz união.

Década de 1960, Heloiza está na cozinha com a mãe. Está observando-a fazer as deliciosas receitas, os sabores e os cheiros de sua infância enchem o ambiente. Quer aprender a fazer tudo igual à mãe. Curiosa, não sai de perto e absorve cada passo da mãe pela cozinha.

Os anos passam, Heloiza se torna mãe e, então, avó. Sua curiosidade e paixão aumentaram com o tempo. Ela é a cozinheira que sempre quis ser, e não há nada que goste mais de fazer.

A culinária faz parte de sua essência.

Os netos são os que mais gostam – tudo o que pedem, Helô está logo preparando.

Não gosta muito de doces, é o almoço de domingo com a família que realmente a agrada. Junta a todos ao redor da mesa e apresenta seus pratos com orgulho e gratidão.

Está sempre aprendendo a fazer novas receitas. Conta que foi visitar uma amiga que fez caldo de mocotó. Ela gostou tanto que resolveu aprender a receita. Quando seu próprio caldo ficou pronto, até o dono da padaria experimentou. Sua comida é para que todos possam apreciar.

“Quando se cozinha bem, aproxima as pessoas, se não, afasta”, explica Helô. Com sua paixão pela culinária ela faz comida com o intuito de juntar sua família e amigos. Gosta das reuniões onde todos que ama estão presentes. E, claro, comendo com saciedade sua comida estudada e preparada para juntar, não afastar.

UMA VIDA DE TRABALHOS

É sexta-feira a tarde. A maioria das pessoas estão em seus trabalhos pensando em o que farão durante a noite para celebrar o fim de semana que começa. Param de pensar em seus trabalhos. É sexta-feira, dia de sair e se divertir ou descansar. Mas para Helô não, a sexta-feira é só mais um dia de trabalho. No sábado ainda terá que acordar cedo e voltar para escola. Além disso, há todas as contas para pagar e todo o serviço doméstico que a esperam.

Heloiza trabalha na escola de idiomas que a filha construiu há 6 anos. Gosta muito de estar ali todos os dias, ajudando a sua pequena conquistar seu espaço no mundo. Mas ela percorreu muitas estradas e teve muitos chefes em sua vida antes de chegar ali.

Seu primeiro trabalho foi de telefonista, para a extinta Telesp, quando tinha 18 anos. O trabalho era interessante, mas o que realmente a motivava era seu salário. O dinheiro com o qual podia fazer o que quisesse.

Depois disso, trabalhou para a prefeitura de Pinhalzinho, por cinco anos e meio. Era inspetora de alunos. Um trabalho muito difícil, mas a época ajudava. Os alunos não eram desrespeitosos. Eles temiam figuras de autoridade e respeitavam normas escolares. Também deu aulas como professora eventual, graças à sua formação no magistério ela podia realizar tais trabalho.

Dona Helô já vendeu de tudo. Ela tem sangue de negociante e adora estar em meio à multidão. Além dos catálogos, que permanece na ativa, ela já vendeu crepe suíço, foi consultora da Natura e muito mais. Ela brinca que em sua vida a única coisa que não vendeu foram drogas.

De todos os trabalhos que teve e de tudo aquilo que já vendeu, não há nenhum que ela tenha gostado tanto quanto da época que administrou o pesqueiro.

O lugar é verde, com um lago cheio de peixes. Há uma lanchonete ao fundo, onde são preparados os peixes pescados no lago. O ambiente tranquilo, silencioso e de paz. Heloiza passava lá seus dias pescando e cozinhando. Seria o paraíso, se não fosse a falta de horas livres para aproveitar com sua família.

Durante três anos trabalhou de domingo a domingo, chegando ao pesqueiro às 7 horas da manhã e em casa já próximo à meia noite.

A natureza que envolvia o lugar e a sua paixão por cozinhar não foram o suficiente. O pesqueiro pode ter sido o trabalho remunerado que teve do qual mais gostou. Mas não há emprego como ser mãe e avó.

Ela deixou o trabalho com dor no peito e muita saudade. Apesar de tudo, hoje está exatamente onde queria estar - cercada por todos os que ama. E continua exercitando sua paixão que é servir bons pratos.

NÃO HÁ NADA MAIS IMPORTANTE

Subindo um pequeno morro bem íngreme foi erguida a igreja da cidade. Ela está no centro de tudo. O comércio e as ruas centrais a circulam. A igreja não é grande. Sua construção é simpática ao olhar. Ela reflete os costumes interioranos. Há uma grande praça que a circula por inteiro. Ali é o ponto de encontro da maioria dos habitantes de Pinhalzinho.

Essa região do interior paulista tem população de uma religiosidade muito grande. Quase todos são devotos de Nossa Senhora e dedicam suas cavalgadas e os rodeios à ela. As missas costumam estar cheias. Mas raramente se verá dona Helô sentada em um dos bancos da capela.

Como a maioria dos brasileiros, Heloiza nasceu católica. Sua mãe foi educada em um colégio de freiras, de ensino tradicional e muito religioso. Helô não teve como evitar, sua criação foi no catolicismo.

Ela não mudou sua fé. Sempre foi devota de Nossa Senhora Aparecida, indo todos os anos para Aparecida. A religião vem em primeiro lugar para Helô. A fé é absolutamente tudo.

No entanto, Heloiza não vai mais às missas regularmente. Sente que muito se perdeu dentro da instituição Igreja. É como se o sentido da devoção em si estivesse sendo apagada das paredes da igreja.

Sua fé é maior do que a instituição. Não precisa do templo para elevar sua prece aos ouvidos de Deus.

Todos os dias faz as suas orações. Acredita no poder de Deus em sua vida e sabe que é mais importante aquilo que tem em seu coração do que aquilo que muitos querem mostrar quando estão na missa.

Heloiza acredita que são seus atos, quando sinceros, que podem realmente a conectar com sua fé e fazer seus pedidos serem atendidos.

Está em paz com sua escolha.



*AMANDA
MALMOUD
YOUSEIF*

“SOU DO MUNDO”

Mulher alta, de postura firme e falar alegre. O sorriso está em seu rosto em cada palavra que diz. O batom avermelhado, cabelos longos e delineador nos olhos. Cada movimento que faz demonstra a segurança que tem em si mesma. A voz é brincalhona, mas sem perder a entonação da seriedade que uma mulher de 38 anos tem.

Amanda de Lima Paiva é uma mulher alegre, vaidosa e de gênio forte. Tem dois nomes, o de solteira, que usa quando está no Brasil, e o de casada, que usa quando viaja para o Egito. Mas isto é história para outro momento.

Amanda ama viajar, conhecer novas culturas e aprender novas línguas. Odeia quando tentam lhe impor regras. Sua personalidade explosiva sempre aparece para que ela possa impor sua maneira de viver. Tem que ser a líder e tudo deve ser feito como ela quer.

É muito sistemática. Pontualidade é, para ela, algo que todos devem ter naturalmente. Odeia que a façam esperar ou que cancelem compromissos. Apesar de ser mandona e gostar das coisas feitas segundo as suas regras, Amanda consegue manter a paciência. Mas, se alguém a fez perder seu controle, o melhor é fugir o mais rápido possível!

Antes de qualquer coisa, Amanda é confiante. Raramente fica triste, mas, quando isto acontece, não demonstra. Seu salto alto e o contorno em seus olhos a fazem parecer uma pessoa que vive em alegria e paz constantes.

Se descreve como um ser de outro mundo. “Não sou de uma cidade pequena”, explica, “sou do mundo”. Se alguém lhe oferecer uma passagem hoje para qualquer lugar, ela não pensa nos prós e contras, simplesmente aceita e vai. Independente se for para Índia, França ou Japão. Não tem medo da aventura.

“Amanda é brilho”. Seu amor pela vida e a vontade de aproveitar cada oportunidade que aparece a ensinou a apreciar tudo de bom que acontece em sua jornada.

Não tem dúvida, o mundo não seria o mesmo sem ela. Se não estivesse aqui, muita coisa faria falta. Afirma que é preciso amar a si mesmo primeiro. “Se você não der importância para você, quem vai dar?”, diz.

Amanda. Uma mulher de personalidade forte, vaidosa e de alegria constante. Odeia regras e atrasos. Alguém que procura, com seus próprios meios e manias, fazer a diferença para o mundo.

CHUTES, ARRANHÕES E SOCOS

Amanda foi uma criança feliz. Sua infância foi excelente, conta. O divórcio de seus pais, quando tinha apenas cinco anos, não a afetou negativamente. Nada realmente consegue deixá-la de baixo astral.

Cresceu na casa da avó, dona Othília. Nunca teve privações, nem obrigações. Sua avó a ensinou regras de etiqueta e o porte que uma dama deve ter. A ensinou a estar sempre bem vestida e preparada para receber visitas, a ser educada e gentil com todos.

No entanto, os ensinamentos da avó não foram suficientes para suprimir uma característica marcante da personalidade de Amanda – ela sempre foi briguenta. Tinha que ser a líder em todos os jogos e brincadeiras. “Era a comandante”, conta.

Fazia amizade com todo mundo e era sempre convidada para a festa de todos. Comunicativa e participativa. Não havia um evento da escola do qual não estivesse envolvida. Bastava ter uma peça de teatro sendo montada, e lá estava Amanda ajudando com o cenário e atuando. Estava sempre presente nas organizações das festas da escola e de exposições. Jogou em todos os campeonatos esportivos. Adorava estar no meio da multidão.

Claro que sua vontade de liderança também a fazia querer ser a melhor em tudo. Ela até aceitava a nota 9, mas se recebesse um 8, pronto, era o escândalo dentro da sala de aula. O professor de artes conversou com sua mãe sobre as suas reações quando um trabalho seu não recebia os elogios que queria. Amanda tinha que ser a me-

lhor em absolutamente tudo o que fazia.

Justamente por isso, também controlava as coisas que organizava. Sempre gostou de determinar cada detalhe.

Amanda batia nos garotos da escola, nos primos e no irmão. Bastava que alguém fizesse um comentário ou uma brincadeira da qual não gostasse para que ela iniciasse a briga. “Mexia comigo e eu mandava a mão”.

Não se lembra exatamente de sua primeira briga, mas tem quase certeza de que foi com seu irmão. Eles brincavam juntos por alguns minutos e, então, eram tapas, arranhões e gritos.

Um dia, no meio de uma luta sua contra seus primos, Amanda atirou uma laranja. A fruta não atingiu nenhuma das crianças e seguiu seu voo, batendo na janela da casa de sua tia, que ficou estilhaçada.

Na rua e na escola, Amanda agora era conhecida como “A Lutadora”.

QUANDO O DESTINO AGE

Amanda sempre soube o que queria conquistar em sua vida. Aos 18 anos começou a faculdade de Letras, e nunca duvidou de que sua escolha foi a correta. Sempre gostou de controlar tudo à sua volta. Tinha planos e os seguia escrupulosamente. Mas, há coisas que nem mesmo a mais meticulosa pessoa no mundo pode controlar.

Tinha 20 anos quando o destino apareceu em seu mundo articulado. Assumiu a forma de um rapaz que a conquistou. Ele era de São Paulo, veio para uma festa na região. Começaram a conversar e, um ano depois, a conversa os levou ao altar.

A família levou um tempo para se adaptar a ideia. Era o primeiro namorado de Amanda e, além disso, o rapaz era de fora.

Estavam casados há seis anos quando Amanda finalmente aceitou a ideia de ser mãe. Andrey é seu único filho e a paixão de sua vida. Mas, infelizmente, seu casamento não durou muito mais após o nascimento da criança.

A paixão começou a esfriar após onze anos juntos. Ele era o oposto do pai de Amanda – esbanjava dinheiro sem pensar muito. Até começou a contrair dívidas no nome da esposa.

Ela pensou muito no filho pequeno. Nunca imaginou que teria que criar uma criança separada do pai. Para ela é muito difícil lidar com a situação. Mas não se arrepende, sabia que não lhe restavam mais opções.

Amanda não queria conhecer mais ninguém após a separação. Decidiu que era o momento de ficar sozinha. Voltou a usar seu nome de solteira, mudou todos os documentos e seguiu a vida da sua maneira.

Mas claro, como já disse, há coisas que fogem de nosso controle.

Um dia comum, Amanda estava no Facebook quando um rapaz do Egito lhe enviou uma solicitação de amizade. Ela já havia visitado o país, tinha conhecido lá, então, não viu nenhum mal em aceitar aquele moço.

Ela e Mahmoud conversavam regularmente. Já estavam com uma amizade mais firme, então, as conversas também eram pelo Skype. Um ano depois, foi a vez de Mahmoud a pedir em casamento. Ele disse que daria um mês para que ela pensasse se aceitaria ou não.

Amanda não conseguia levar aquilo à sério. Tinha o telefone pessoal dele e ligava em diferentes horários, só para garantir que ele não era casado. Conversava com amigos dele e também com as pessoas que já conhecia no Egito. Queria garantir que ele não era algum tipo de maluco da internet.

O mês passou, ela não estava certa ainda se aquele pedido era sério, mesmo assim, disse o “Sim”.

Uma nova aventura iniciou-se então na vida de Amanda. O noivo passou a enviar fotos do apartamento que havia comprado para eles, todo mobiliado, fotos das paredes pintadas com as cores que ela escolheu e o enxoval que a mãe e a irmã de Mahmoud o ajudaram a comprar.

Em dezembro Amanda pegou o avião para o Egito. Avisou aos amigos seus de lá. Caso ele não aparecesse para buscá-la, iria aproveitar a viagem para fazer turismo. Mas, lá estava Mahmoud, no centro do aeroporto, de terno e gravata, esperando a noiva.

Essa foi a primeira vez que os dois se viram pessoalmente.

Ele apresentou Amanda para a mãe e a irmã e então a levou conhecer o apartamento. Entregou a chave nas mãos dela e disse que era no quarto andar. Ela entrou e viu tudo aquilo que ele havia feito por ela. Foi ali, em meio ao lar que o rapaz construiu, que Amanda finalmente compreendeu – ele estava realmente apaixonado por ela. E ela por ele.

No dia seguinte, eles se casaram.

Foi assim que ela ganhou dois nomes – o de solteira, que usa quando está no Brasil, e o de casada, Amanda Mahmoud Youseif, quando está no Egito, e em situações especiais também.

O choque de culturas foi inevitável. Ele sabia que era o segundo casamento dela e também sabia que havia uma criança no Brasil que esperava a volta da mãe. A família dele respeitou sua decisão, mas foi o tempo que os ajudou a entender e aceitar Amanda. Hoje a relação entre ela e família do esposo é boa. Quando está no Egito, Amanda usa o véu na rua e roupas compridas, seguindo o padrão do país.

Ele teve criação muçulmana, ela, católica. Ela aprendeu a maioria das orações do Islã, sabe o suficiente da língua – aprendeu árabe pela internet antes mesmo de conhecer o marido. Sempre que está visitando a família dele, os acompanha à mesquita.

O respeito pela cultura e a aceitação de muitos traços culturais egípcios ajudaram para que Amanda ganhasse o respeito e carinho da família do companheiro.

Apesar de gostar muito do Egito, preferir a comida deles e se adaptar facilmente aos costumes do país, Amanda resolveu voltar para o Brasil, onde o verdadeiro homem de sua vida, o filho Andrey, estava.

Mahmoud não pensou duas vezes, arrumou suas malas, abandonou seu emprego e fechou o apartamento. Sem falar nem mesmo uma palavra do português, ele chegou em São Paulo com a esposa.

Pinhalzinho é uma cidade pequena, com poucas oportunidades de trabalho. Ele sofreu muito para se adaptar. Sua atitude é, para Amanda, a maior demonstração de amor que ele já fez.

No começo do casamento queria que Amanda usasse roupas compridas e o véu, como no Egito. Foi preciso paciência e cessões

de ambos os lados para evitar confrontos mais sérios. Hoje ele está mais habituado à vida no Brasil. Já fala um pouco do português, trabalha com a mulher na escola de idiomas e montou sua loja on-line.

O casamento, que começou com um relacionamento pelas redes sociais, já dura cinco anos. Um não consegue ficar sem o outro. Ela e o marido se completam.

MULHERES

Quando Amanda pensa em tudo o que conquistou em sua vida e na pessoa que é hoje, não pode deixar de pensar em duas pessoas que fizeram parte de cada passo que deu, desde o dia que nasceu até a construção de sua própria escola de idiomas.

Sua avó, Othília, foi quem a criou depois da separação dos pais. Ela fez de Amanda quem ela é. Ela foi a base de sua educação. Quem mostrou os caminhos da educação e a incentivou a ser sempre estudiosa e correta.

Amanda descreve a avó como uma lady, uma mulher sempre charmosa e bem vestida. Alguém que sabia se portar de acordo com sua idade. Quando descreve a avó, nota-se o tom de admiração e, mesmo, de adoração. Para Amanda, dona Othília foi uma das mulheres mais importantes que já viveram. Não consegue descrever a falta que a avó faz todos os dias de sua vida.

Era uma mulher culta, bem informada, que nunca deixou de ler seu jornal e selecionava com rigor a programação de televisão que entraria em seu lar. Rigorosa quando se tratava de acompanhar o desempenho escolar e o comportamento da neta, mas amorosa na hora de repreender más posturas.

Amanda amava a avó com todo seu coração. E, agora, cuida da memória e da história vivida por dona Othília com zelo e orgulho.

Sua mãe, dona Heloiza, é, atualmente, seu suporte.

Sem a ajuda da mãe, Amanda não teria conseguido montar sua

escola. O filho era ainda bebê quando deu início ao seu empreendimento e não havia outra pessoa no mundo a quem ela confiaria seu maior tesouro a não ser sua mãe.

De sua mãe, Amanda sente que herdou a alegria de viver e a facilidade de se comunicar e fazer novas amizades.

Assim como a mãe, gosta de estar no meio das atenções e viver cercada de pessoas.

Sem essas duas mulheres, Amanda não seria quem é. Muito vem de sua personalidade, mas, em grande parte, sua maneira de ser cresceu aos poucos, sendo moldada pela mãe, pela avó e pelas circunstâncias da vida.

CONSTRUINDO UM MUNDO

Amanda resolveu que queria trabalhar quando tinha 17 anos. O objetivo era poder comprar todas as roupas que gostasse, fazer as unhas toda a semana e gastar com tudo aquilo que a fizesse se sentir bem.

Conseguiu um emprego em uma fábrica de papel de Pinhalzinho. O trabalho era muito mecânico, não havia desafios para serem superados, o que a desagradava muito. Mas o salário que caía em sua conta no banco todos os meses compensavam a monotonia que sentia nas horas que estava na fábrica.

Nesse período começou a faculdade de Letras. Viaja todas as noites para a cidade vizinha, Bragança Paulista, para estudar. O trabalho então começa a atrapalhar seus estudos. Lhe é exigido fazer horas extras, coincidindo com as aulas na faculdade. Já pensa em pedir a demissão quando os empresários resolvem fazer cortes no orçamento, mandando muitos funcionários embora. Amanda está entre os dispensados.

Não se sente mal. Trabalhou lá por dois anos, mas o que realmente importava para ela não era o dinheiro extra que fazia na fábrica, e sim o conhecimento e o investimento profissional que conquistava enquanto estudante de letras.

Amanda não sabe ao certo com o que sonhava em ser. Quando criança falava que queria ser egiptóloga, arqueóloga e, por fim, poliglota. Encontrou-se na faculdade de letras, mas sua paixão pelo

Egito crescia apenas.

Na escola, não suportava as aulas de exatas. Mas quando a professora de História entrava na sala, sua mente já viajava para outras eras. As aulas sobre o Egito, com toda a mitologia e pirâmides, eram suas favoritas. Sonhava com o dia que finalmente conheceria tudo aquilo que via nas imagens dos livros escolares.

Queria tanto conhecer o mundo que pensou em ser comissária de bordo, mas não conseguia imaginar a avó permitindo ela se mudar para São Paulo para realizar os cursos. Então, percebeu que ser tradutora e interprete era uma boa opção e não precisaria sair de casa para fazer a faculdade. Além disso, pouco depois de ter começado a estudar, já conseguiu aulas na cidade.

Antes mesmo da internet existir, Amanda pesquisava coisas sobre culturas diferentes. Quanto mais excêntrica, melhor. Sempre muito curiosa, nunca teve medo de enfrentar desafios e experimentar coisas novas.

Queria viajar, estudar e conhecer o mundo. Entretanto, compreende que realizar sonhos exige sacrifícios e esforço.

Aceitou um trabalho como secretária na clínica de diagnósticos de um primo seu. Não sabia que teria que fazer outros tipos de serviços além de cuidar do telefone. Tudo bem lavar banheiro, mas não tolerou quando o chefe falou grosseiramente com ela na frente de um cliente e pediu demissão com um mês de trabalho.

Já como professora, Amanda sentiu outro tipo de dificuldade. Os alunos, já rapazes, reparavam em suas roupas, maquiagem e perfumes. Com tons de maldade, faziam elogios que a deixavam constrangida. Nunca usou roupas justas, decotadas ou curtas para trabalhar. Mas o desrespeito dos alunos era sem limite.

Também dava aula de inglês para uma franquía que existia em Pinhalzinho. Lá ela aprendeu a ser além apenas de professora – ela administrava a escola e coordenava todos os eventos, mas recebia

um salário básico. Percebendo que estava perdendo muito naquele trabalho, ela teve a ideia de montar sua própria escola.

Trabalhava em três empregos, cuidava de casa e do filho recém-nascido. Suou muito, mas construiu algo totalmente seu. Escolheu desde as cores e nome da escola até o logo. É ela quem cuida das páginas nas redes sociais, dá as aulas de inglês, espanhol e francês. Coordena tudo e não contrata ninguém de fora. Sua mãe e seu marido são a única ajuda de que precisa e quer.

Há 10 anos conquistou seu maior empreendimento e sua independência financeira. Pensa no tempo que gastou juntando o dinheiro e trabalhando para construir a escola, tempo que acredita que poderia ter estado mais com o filho. Mas entende que se não fosse esse sacrifício, não teria a oportunidade de hoje dar de tudo para ele. Além disso, consegue ter mais horas livres, agora com a vida estável, para estar com ele.

Sonhos podem mudar, mas os sacrifícios que eles exigem para se tornarem real não.

NOVOS HORIZONTES

Amanda começou a estudar árabe pela internet. Sua professora vivia no Egito, o país que sempre sonhou em conhecer. Através dessa professora, e com a ajuda das redes sociais, fez amizade com muitas pessoas. Um dia, juntou o dinheiro que precisava para a passagem, entrou no avião, e foi para o Egito.

Lá ficou em uma casa emprestada por um amigo. Visitou a professora, realizou seu sonho de ver as pirâmides. Experimentou uma culinária diversificada, usou véu, andou e falou com as pessoas. Queria sentir o que um egípcio sentia. Impossível de alcançar tal nível de vivência em uma viagem curta, mas é possível chegar próximo à realidade do povo local quando se abre sua mente para receber toda a cultura. Amanda queria ver a realidade do Egito. Para isso, explorou o lugar e também suas habilidades pessoais de adaptação.

Depois do Egito, ela foi para a Índia e, por vinte dias, viveu com uma família de indianos, comendo com as mãos como eles e dormindo no chão, segundo o costume local.

Quando voltou ao Brasil, já não era mais a mesma. Ela nasce novamente a cada viagem que faz.

Amanda sente que esse é o seu legado – ultrapassar limites. Não existe “eu não posso”. A vida precisa de desafios para serem superados e dificuldades para que se possa crescer internamente, é essencial superar o próprio limite. Para conseguir o que quer, basta acreditar que pode.

“Fazer o que faz com amor” é uma das regras de sua vida para alcançar aquilo que deseja.

Viajou sozinha para o Egito e para a Índia. Isso a ajudou a abrir seus horizontes, a respeitar a cultura de onde está. Aprendeu que a Amanda não é o centro do mundo, que suas crenças e verdades não são universais. Percebeu a importância de estar preparada para mudar suas opiniões.

“Viaje uma vez e jamais conseguirá parar”, afirma

O mundo é o seu quintal. Ama dar aulas, mas adora quando as férias chegam e pode finalmente entrar em um avião e partir para sua próxima aventura.

DOIS MUNDOS

Amanda nasceu católica. Sua avó a ensinou as orações e os dogmas. Devido a isso, ela tem um carinho especial pela religião. Mas não é praticante. Se sente mal dentro da igreja. Acha que as pessoas hoje só vão à missa para poder observar umas às outras – as formas que se vestem e com que frequência cada um vai à missa.

Antes de se casar com Mahmoud, Amanda já lia coisas sobre o Islã, e passou a apreciar a filosofia da religião. Depois do casamento, passou a frequentar a mesquita e se aproximou do islamismo, preferindo esta doutrina ao catolicismo. Ainda assim não se converteu à nova fé pois o carinho que tem pelo o que sua avó a lhe ensinou a faz manter suas orações e preces aos santos católicos.

Para Amanda, os muçulmanos são mais religiosos. Eles realmente querem adorar à Deus e não se preocupam com que o outro faz enquanto está na mesquita.

Apesar de não ter nenhuma religião que siga fielmente, acredita em Deus e faz suas pequenas conversas diárias com Ele. Segue sua fé do seu jeito, demonstrando aquilo que acredita ser correto em suas atitudes cotidianas.

A ARMADURA

Amanda é alta, usa sapatos baixos, calça e uma blusa que deixa os ombros a mostra. Está maquiada, com um risco nos olhos que sobem um pouco no canto, um estilo conhecido como olho gatinho. O cabelo está arrumado e as unhas com esmalte e adesivo. Todos os detalhes que compõem o look do dia fazem parte do estilo Amanda de ser.

Jamais sai de casa sem estar maquiada e bem vestida. Usar chinélos na rua é proibido, não os usa nem mesmo na porta de casa. Se é tarde da noite e a campainha toca, ela tira o pijama e passa, no mínimo, o delineador e um batom antes de atender.

Ela é vaidosa por excelência.

Gasta uma hora se arrumando, todos os dias, para ir à academia.

Sua vaidade tem muita influência da maneira com que sua avó a criou. Amanda foi ensinada que a aparência é essencial. Não importa quão mal esteja se sentindo por dentro, o seu exterior deve aparentar o melhor – ninguém precisa saber que algo está errado em sua vida.

Para ir à faculdade usava as melhores roupas. Nunca assistiu nenhuma aula sem estar usando salto.

Há anos frequenta o mesmo salão onde faz as unhas toda a semana e mantém o cabelo sempre hidratado e longe de pontas duplas.

Sua vaidade é a sua marca registrada.

Quando o filho estava para nascer comprou um pijama de seda

azul e colocou em sua mala suas maquiagens. Se alguém fosse visitá-la na maternidade, a veria bonita, como se nada tivesse acontecido. Teve horror de correr o risco de tirar fotos com a pele pálida.

Amanda só é Amanda quando está bem arrumada. Está confortável com a imagem que reflete no espelho. Cada um tem sua armadura, aquilo que carrega para que não seja facilmente abatido. As roupas, o salto alto, o batom vermelho e os olhos pintados representam a segurança e a força que ela reconquista a cada novo dia. Só assim consegue encarar os desafios e dilemas de sua vida.

QUANDO A LÓGICA NÃO EXISTE

É comum ouvir as pessoas dizendo que toda mulher sonha em ser mãe. Mais uma vez, o conhecimento popular está errado. Amanda, por exemplo, não sonhava em ser mãe. Queria viajar, explorar o mundo, estudar. Mas seu esposo queria ser pai. Foram seis anos de casamento até Amanda resolver ter uma criança.

No mesmo instante que sentiu que estava grávida, o coração de Amanda mudou. Não perdeu os sonhos anteriores, apenas ficaram em segundo plano. Para ela, aquele foi o momento certo. Se esperasse mais alguns anos, acabaria desistindo e jamais seria mãe.

Desde o início sabia que estava esperando um menino. Passava nas lojas e via as roupas nas vitrinas e não achava graça em nada que fosse feminino. Já havia escolhido o nome inclusive – Andrey, estampado em uma tatuagem em seu braço direito. Quando finalmente chegou a hora de revelar o sexo do bebê, lá estava sua confirmação. Era mesmo o Andrey que estava a caminho.

Havia uma vida crescendo dentro dela, alguém pelo qual precisaria zelar, educar e se dedicar. Para Amanda ser mãe é algo que requer responsabilidade e dedicação, para que então aquela criança possa se tornar um adulto honesto e decente.

Quando o segurou pela primeira vez, sentiu medo, logo substituído por um amor incondicional, que faz seu peito doer. Um amor que não há outro igual. O amor de mãe não pode ser explicado racionalmente, afirma Amanda, não há nada igual e não há lógica nis-

so. “Eu morro e mato pelo meu filho”, resume.

Andrey é o único homem de sua vida. É nele que pensa cada segundo. Não quer outro filho, ele é tudo o que ela precisa. “Andrey é a paixão da minha vida, a coisa mais importante, meu tesouro”.

Andrey também tem adoração pela mãe, e pelo pai. Depois da separação, o ex marido se mudou para o Paraná e ela se casou com Mahmoud. Para o garoto, nada disso foi fácil.

Ele se tornou uma criança rebelde, que dava muito trabalho. Não deixava a mãe dormir, comer ou tomar banho. Queria atenção em cada segundo do dia. Andrey aprontava e colocava a culpa no esposo da mãe, apenas para que eles brigassem. Quando Amanda finalmente percebeu o que o filho fazia, procurou um psicólogo.

Mas ele logo disse que não voltaria. Perdeu a confiança na psicóloga quando percebeu que tudo aquilo que conversavam, ela contava para sua mãe.

Amanda ficava cada dia mais desgastada. Adora o filho e odeia a ideia de ficar longe dele. Mas percebeu que talvez fosse necessário ele também ficar com o pai.

Tem uma boa relação com o ex marido e os dois decidiram que o melhor para o filho era que ele passasse um ano com cada um. A decisão não foi fácil e ela tem longos dias depressivos longe de Andrey. Mas, quando vê o quanto seu menininho está melhor e mais feliz com esse acordo, compreende que tomou a decisão correta para ele.

Ser mãe é pensar sempre no que é o melhor para seu filho. É abdicar de suas necessidades para colocar as da criança primeiro. Amanda pode não alcançar tão elevada descrição, mas conhece as obrigações de sua função como mãe e tenta fazer seu melhor para manter o filho feliz e saudável.



ΕΠÍΛΟΓΟ

MULHERES E MAIS MULHERES

Quando pensei em uma maneira de resumir em uma frase o livro que havia acabado de escrever, Clarice Lispector logo me veio à mente. “Toda mulher leva um sorriso no rosto e mil segredos no coração”. Não sei o quanto disso é verdade. Será que toda mulher realmente carrega um sorriso? Quantos segredos cabem em um coração? Talvez eu não possa generalizar as mulheres, mas conversar com seis mulheres de idades e realidades diferentes me fez pensar que, talvez, Clarice possa ter razão no que diz.

De todas as mulheres do mundo, foram as seis que estão eternizadas nessas páginas que me escolheram para narrar suas histórias. A cada detalhe de suas vidas que me revelavam, muito eu lembrava das histórias de minha família.

Acredito na importância que todos carregam, por isso escolhi esse gênero jornalístico– perfil, e também o tema. Cresci vendo mulheres se sentindo inferiores, como se suas vidas não fossem importantes. Minha realidade e minha crença que se pode mudar rumos de vidas apenas ouvindo o que as pessoas tem a dizer me motivaram a procurar mulheres que estivessem dispostas a abrir seus corações e revelar alguns de seus segredos e suas histórias.

Parti do pressuposto de que nem todas as mulheres se jugam relevantes socialmente. A cada novo perfil que escrevia, maior era minha alegria – eu estava errada. Repeti a pergunta “você é importante para o mundo?” para todas e as respostas eram sempre mais inovadoras e alegres. Essas mulheres reconheciam seu valor social e

sabiam que o fato de estarem aqui e agora bastava para que fizessem a diferença.

Aprendi muito com elas. A distância de idade entre elas (a mais velha com 69 e a mais nova com 28 à época das entrevistas) e também suas origens, mesmo sendo todas do interior, umas são do oeste paulista, outras estão mais próximas à capital São Paulo, revelam que, por mais que o contexto histórico que se vive influencie seus gostos e escolhas, quando se quer algo não há nada que o impeça de acontecer.

Enquanto procurava por possíveis personagens, não buscava por características específicas. Meu recorte foi simples – quero mulheres e que sejam da mesma família, mas de gerações diferentes. A intenção é explorar a influência dos anos nas atitudes, opiniões e sonhos. Além disso, queria revelar o quanto uma mãe inspira a filha e a forma que esta transforma aquela.

E lá está a verdade disso. Toda a filha diz – “a mulher de minha vida é minha mãe”.

Consegui o que queria quando propus minha ideia para este livro reportagem – narrar histórias de pessoas que acordam cedo todos os dias, batalham por aquilo que querem e precisam e, não importam os percalços da vida, são pessoas que buscam fazer seu melhor.

Agora vem o desejo. Assim como elas mudaram minha forma de ver o mundo, espero que eu possa ter feito, você leitor, sentir algo novo também.

